



UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO – UEMA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ZÉ DOCA – CESZD
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

RÁYRA DA CONCEIÇÃO
RODRIGO RAMALHO SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:
Um Estudo crítico-reflexivo no 8º Ano de uma Escola Municipal de Zé Doca – MA

Zé Doca
2022

**RÁYRA DA CONCEIÇÃO
RODRIGO RAMALHO SOUSA PEREIRA**

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:

Um Estudo crítico-reflexivo no 8º Ano de uma Escola Municipal de Zé Doca – MA

Monografia apresentada ao Curso de Letras da Universidade Estadual do Maranhão para obtenção do grau de Licenciatura em Letras com Habilitação em Língua Portuguesa e suas Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudiene Diniz da Silva

Zé Doca

2022

RÁYRA DA CONCEIÇÃO
RODRIGO RAMALHO SOUSA PEREIRA

VARIAÇÃO LINGUÍSTICA EM SALA DE AULA:

Um Estudo crítico-reflexivo no 8º Ano de uma Escola Municipal de Zé Doca – MA

Aprovado em: 16/01/2023

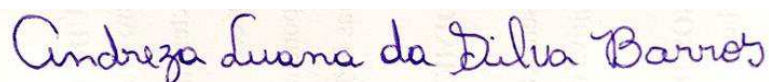
Banca Examinadora



Profª. Drª. Claudiene Diniz da Silva (Orientadora)
Universidade Estadual do Maranhão - UEMA



Profª. Drª. Suellen Thomaz de Aquino Martins



Profª. Ms. Andreza Luana da Silva Barros

Conceição, Ráyra da.

Variação linguística em sala de aula: um estudo crítico-reflexivo no 8º ano de uma Escola Municipal de Zé Doca - MA / Ráyra da Conceição, Rodrigo Ramalho Sousa Pereira. – Zé Doca, MA, 2023.

75 p.

TCC (Graduação em Letras) - Centro de Estudos Superiores de Zé Doca, Universidade Estadual do Maranhão, 2023.

Orientadora: Profa. Dra. Claudiene Diniz da Silva.

1.Preconceito linguístico. 2.Sociolinguística. 3.Dialetologia. I.Pereira, Rodrigo Ramalho Sousa. II.Título.

CDU: 81'271.16:373.3(812.1)

A Deus, pelo dom da vida, mestre dos mestres, autor e consumidor da vida.

A nossos pais, que nos apoiaram ao longo de toda a jornada da vida.

AGRADECIMENTOS

Estas sem dúvidas são as palavras mais difíceis para nós, pois, elas não carregam um simples agradecimento, e sim, uma história, um pequeno infinito formado pelas melhores pessoas que estiveram ao nosso lado durante toda a jornada acadêmica. De forma pessoal *“foram uma segunda família”*. Neste exato momento, podemos dizer, que somos gratos a todos que fizeram parte desta longa caminhada. Portanto, agradeçamos:

Primeiramente a Deus, pelo dom da vida e pelas oportunidades que tem nos oferecido.

A nossa Orientadora, Professora Dra. Claudiene Diniz da Silva, que ao longo de toda esta jornada, nos auxiliou de forma exímia ao longo do desenvolvimento do trabalho, como também uma pessoa no qual nos espelhamos muito. Um ser humano incrível e um verdadeiro exemplo de humildade, possuidora de uma inteligência inigualável a qual temos **Nossa eterna gratidão**.

A todos os professores do Curso Superior de Licenciatura em Letras da Universidade Estadual do Maranhão-UEMA Campus Zé Doca, pelo apoio, ensino e formação. Pessoas incríveis que vamos carregar para sempre em nossas memórias.

A Professora Mirtes Castro, professora da Escola Municipal Princesa Isabel, que ao longo de toda jornada, nos acompanhou de forma exímia, auxiliando e compartilhando conhecimentos em sala de aula.

Aos nossos colegas “amigos” de curso pelos momentos incríveis e únicos, saibam que todos são especiais.

Aos nossos familiares em especial Alcione Ramalho, Maria do Socorro, Domingos da Conceição e Carmelita Maria da Conceição pelo incentivo e apoio aos estudos, desde a infância, vocês são responsáveis por fortalecer cada vez mais nossa longa jornada acadêmica, sem o apoio de vocês jamais teríamos chegado aqui.

Enfim, agradecemos a todos que de forma direta e indireta permitiram que este trabalho fosse realizado.

Língua

“Nós falamos e usamos tudo isso. Os substantivos, os verbos, os adjetivos, as conjunções. Usamo-lo como se isso tivesse existido sempre. A linguagem passou com certeza, digamos, de um estado rudimentar... E pouco a pouco veio se tornando mais complexa sendo capaz de exprimir sentimentos e emoções

O que significa que quanto mais palavras conhecemos... Mais somos capazes de dizer o que pensamos e o que sentimos.”

(José Saramago)

RESUMO

Sabe-se que a língua possui variações motivadas pelo seu lugar de uso. O Brasil, que tem proporções geográficas continentais, apresenta uma diversidade linguística que merece ser estudada. É no ambiente escolar que o uso da língua apresenta as mais diversas colorações na fala. Portanto, o presente trabalho tem como foco o estudo da variação linguística em sala de aula, contribuindo para o ensino de língua portuguesa em diferentes situações de comunicação cotidiana. Para alcançar o objetivo proposto, serão utilizados os estudos de Cardoso & Mota (2006), Teyssier (1997), Mattos e Silva (1995), Bagno (1999, 2001, 2003 e 2007) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005), entre outros autores realizam pesquisas referentes ao estudo da língua. Dessa forma, optou-se pela pesquisa exploratória, com ênfase quanti/qualitativa com abordagem bibliográfica e descritiva. A turma participante deste estudo são alunos do 8º ano de uma Escola Municipal de Zé Doca – MA. Com o foco no estudo da variação da língua, direcionamos nossas ações pedagógicas a investigar o léxico de cada aluno, sendo está uma fonte rica para entender a formação da identidade cultural de cada indivíduo. Assim, buscamos apresentar e refletir a norma culta oral e escrita para os alunos, como também, proporcionar reflexões acerca do preconceito linguístico no ambiente escolar. Os resultados apontam que o trabalho com a variação linguística pode ser uma estratégia pedagógica muito eficaz, como nos conhecimentos da própria língua materna e, principalmente no combate ao preconceito linguístico.

Palavras-chaves: Variação. Preconceito Linguístico. Sociolinguística. Dialetologia.

ABSTRACT

It is known that the language has variations motivated by its place of use. Brazil, which has continental geographic proportions, presents a linguistic diversity that deserves to be studied. It is in the school environment that the use of language presents the most diverse colors in speech. Therefore, the present work focuses on the study of linguistic variation in the classroom, contributing to the teaching of the Portuguese language in different situations of everyday communication. To achieve the proposed objective, studies by Cardoso & Mota (2006), Teyssier (1997), Mattos e Silva (1995), Bagno (1999, 2001, 2003 and 2007) and Bortoni-Ricardo (2004, 2005) will be used. among other authors carry out research related to the study of language. Thus, we opted for exploratory research, with emphasis on quantitative/qualitative with a bibliographic and descriptive approach. The group participating in this study are 8th grade students at a Municipal School in Zé Doca - MA. With a focus on the study of language variation, we direct our pedagogical actions to investigate each student's lexicon, which is a rich source to understand the formation of each individual's cultural identity. Thus, we seek to present and reflect the oral and written cultural norm for students, as well as provide reflections on linguistic prejudice in the school environment. The results point out that working with linguistic variation can be a very effective pedagogical strategy, as in the knowledge of the mother tongue and, mainly, in the fight against linguistic prejudice.

Keywords: Variation. Linguistic Prejudice. Sociolinguistics. Dialectology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Os tipos de variação linguística	27
Quadro 2 - Distribuição dos sujeitos envolvidos na pesquisa	40
Quadro 3 - Distribuição das expressões identificadas nas falas dos alunos e seus conceitos.....	54

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Origem dos pais ou responsáveis	44
Gráfico 2 - Escolaridade dos pais ou responsáveis	45
Gráfico 3 - Faixa etária dos alunos.....	47
Gráfico 4 - A importância de estudar Língua Portuguesa na escola	48
Gráfico 5 - Percentual de alunos vítimas de preconceito linguístico	52
Gráfico 6 - Como os alunos se sentem ao serem corrigidos	58
Gráfico 7 - Percepção dos alunos quanto a sua forma de falar	59
Gráfico 8 - Sobre estudar gramática e variação linguística em sala de aula.....	60

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Depoimento do aluno A.....	49
Figura 2 - Depoimento do aluno B.....	49
Figura 3 - Depoimento do aluno C.....	50
Figura 4 - Depoimento do aluno D.....	50
Figura 5 - Depoimento do aluno E.....	55
Figura 6 - Depoimento do aluno F.....	55
Figura 7 - Depoimento do aluno G.....	56
Figura 8 - Depoimento do aluno H.....	56
Figura 9 - Depoimento do aluno I.....	56
Figura 10 - Depoimento do aluno J.....	57
Figura 11 - Poema Vício na Fala de Oswald de Andrade.....	62
Figura 12 - Livro didático adotado pela escola.....	63
Figura 13 - Exemplo de variação linguística no livro didático.....	64

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Escola Municipal do município de Zé Doca-MA	39
Imagem 2 - Momento de aplicação do Questionário 1: Coleta inicial dos dados.....	41
Imagem 3 - Momento de aplicação do Questionário 2: Ensino de Língua Portuguesa, preconceito linguístico e gramática normativa	42
Imagem 4 - Momento de aplicação do Questionário 3: Análise do Poema	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
2 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGUÍSTICA: um diálogo possível.....	18
2.1 As contribuições da sociolinguística para o ensino	18
2.2 Dialetologia x ensino de língua portuguesa	20
3 A LÍNGUA, IDENTIDADE CULTURAL E ENSINO	23
3.1 História do português no Brasil: breves considerações.....	23
3.2 Perspectiva das variedades linguísticas x ensino de língua portuguesa ..	25
3.3 Escola, norma padrão e preconceito linguístico: há lugar para a variedade?	29
3.4 Análise semântica e lexical no contexto escolar	31
3.5 Reflexões sobre o ensino de Gramática Normativa em sala de aula	34
3.6 Trabalhando Gramática e Variação: reflexões sobre as práticas metodológicas no ensino	35
4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	39
4.1 O <i>Locus</i> da pesquisa	39
4.2 Perfil dos informantes	40
4.3 Tipo de pesquisa	41
4.4 Instrumento de coleta de dados.....	41
5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS	44
1º MOMENTO: COLETA INICIAL DOS DADOS	44
2º MOMENTO: AULA E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS.....	50
3º MOMENTO: LEITURA E ANÁLISE DO POEMA “VÍCIO NA FALA”, DE OSWALD DE ANDRADE	61
5.1 A variação linguística no livro didático adotado pela escola pesquisada ..	63
6 CONCLUSÃO.....	66
REFERÊNCIAS	68
ANEXOS.....	70

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho surgiu da necessidade de estudar e entender o processo de variação linguística presente na sala de aula, além de descrever como essa questão está sendo trabalhada no ambiente escolar. Dessa forma, buscamos conscientizar e explicar sobre a importância de respeitar e reconhecer as diferenças linguísticas, e este fato vai ao encontro com a fala, portanto, partimos da realidade do uso da língua para estudar a manifestação lexical presente em cada aluno.

Entendemos que a norma padrão é essencial no processo de formação dos alunos, porém, é preciso estabelecer que não é somente através da escola que o aluno passará a conhecer sua língua, mas sim que a língua todos já conhecem, pois a utilizam em seu dia a dia. Conscientes dessa questão, o professor entenderá de forma mais diversificada a sala de aula. Antunes (2009, p. 22) diz que “pensar numa língua uniforme, falada em todo canto e em toda hora do mesmo jeito, é um mito que tem trazido consequências desastrosas.”

Sob essa ótica, o ensino de Língua Portuguesa é muito restrito a temas comuns como, o ensino de gramática normativa, produção textual e práticas de leitura que são presentes na grade curricular. Portanto, é necessário que o professor juntamente dos alunos reflita sobre o uso da língua.

Dessa forma, buscamos justificar neste trabalho a importância de compreender a diversidade linguística presente na sala de aula, como também a necessidade trabalhar essa temática para contribuir com o objetivo principal da educação, que é moldar os conhecimentos dos alunos e formar cidadãos capazes de atuar de forma crítica na sociedade.

É necessário que o aluno em sua formação conheça as nuances que fizeram do PB¹, ser uma língua que acolhe muito, ou seja, que varia de região para região. Entendendo que as comunidades europeias, africanas e Indígenas foram primordiais para a sua concretização.

A partir dessas observações, produzimos e desenvolvemos um projeto de intervenção em uma Escola do Município de Zé Doca-MA na turma do 8º Ano do Ensino Fundamental.

¹ Português Brasileiro.

Para a realização deste estudo, apoiamo-nos na Sociolinguística Educacional que ao longo dos anos desenvolveu inúmeras pesquisas e propostas para o ensino de língua, pautado na relação entre língua/sociedade.

Para a construção da fundamentação teórica utilizamos as abordagens de Cardoso & Mota (2006), Teyssier (1997), Mattos e Silva (1995), Bagno (1999, 2001, 2003 e 2007) e Bortoni-Ricardo (2004, 2005), uma vez que estes autores apresentam estudos sobre a língua e seu ensino nas escolas, de forma que estes estudos possam desenvolver e tornar os indivíduos mais capazes de entender a sociedade e seus recursos linguísticos na fala.

Este trabalho organiza-se em cinco capítulos, no primeiro capítulo trataremos da apresentação inicial do trabalho (*introdução*), na qual estão expostos os objetos e a justificativa para a construção desta pesquisa, como também a apresentação de alguns pesquisadores importantes para a construção do trabalho.

O segundo capítulo, apresenta o referencial teórico e as subáreas da linguística que são fundamentais nos estudos de variação na língua, como a Sociolinguística e suas contribuições para o ensino e a Dialetoлогия, que estuda a língua em seu espaço social geográfico, como também os níveis de variação.

O terceiro capítulo, apresentamos inicialmente um percurso histórico da formação da Língua Portuguesa no Brasil, desde os seus primórdios da língua latina até seu estágio atual. Esta abordagem inicial é destacável, pois, é apresentado a partir da colonização brasileira os primeiros contatos linguísticos e as comunidades presentes, sendo estes fatores fundamentais para a variação da língua. Ainda no terceiro capítulo, apresentamos os tipos de variação linguística, sua definição e exemplos. Vale ressaltar as abordagens semânticas lexicais para entender o léxico e a significação presente na fala de cada aluno. Buscamos refletir sobre o ensino de Gramática normativa e variação linguística, como também as práticas metodológicas adotadas pelos professores.

O quarto capítulo é destinado a apresentação dos procedimentos metodológicos utilizados neste trabalho, o *locus* da pesquisa, além de apresentar o perfil dos informantes, tipo de pesquisa e instrumento de coleta de dados.

No quinto capítulo apresentamos as análises de dados e os resultados da pesquisa, como também reflexões sobre as atividades desenvolvidas em relação aos objetivos propostos e ao referencial teórico, analisamos o livro didático adotado pela

escola. Esta última temática é importante pois, estabelece o conhecimento inicial sobre o material didático que os alunos estão utilizando.

Por fim, no sexto capítulo apresentamos nossas considerações finais referentes aos objetivos e as análises dos dados, estabelecendo de forma clara as conclusões acerca das reflexões sobre a língua e sua variação no ambiente escolar.

2 DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA: um diálogo possível

Neste tópico, apresentamos os fundamentos que norteiam este trabalho. Iniciamos com as contribuições da sociolinguística para o ensino, construindo todo escopo necessário para o enredo. Em seguida, apresentamos a importância da Dialetologia para o ensino de Língua Portuguesa.

2.1 As contribuições da sociolinguística para o ensino

Através da leitura do livro da Bortoni-Ricardo (2004), *Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula*, como também outras leituras complementares, é visível a importância da sociolinguística educacional no processo de ensino de Língua Portuguesa. A variação da língua está presente em todos os domínios sociais, principalmente a escola é um deles. Dessa forma, quando o aluno compreende que a língua varia dependendo de diferentes aspectos linguísticos, o aluno pode aprender a respeitar as diferentes formas que a língua pode assumir. Portanto, a linguagem faz parte da identidade do indivíduo:

Acrescente-se que é no momento em que o aluno começa a reconhecer sua variedade linguística como uma variedade entre outras que ele ganha consciência de sua identidade linguística e se dispõe à observação das variedades que não domina (DIONÍSIO, 2005, p. 88).

Com esse pensamento, o aluno será capaz de entender que sua variedade linguística é algo natural, como também uma marca da sua comunidade, e assim, outras variedades linguísticas são marcas de comunidades diferentes da dele. É neste momento que é possível promover a interação entre linguagem, tendo em vista o espaço escolar e sua grande dimensão.

Para entender melhor que a língua é heterogênea no processo de interação social, Bortoni-Ricardo (2005, p. 133) diz que “os significados que alunos e professores atribuem à variação são múltiplos e precisam ser bem interpretados se quisermos desenvolver um estudo de sociolinguística educacional”. Sob essa ótica, o processo de interacional da língua é amplo e diverso, no ambiente escolar é heterogênea assim como no papel social, se fosse homogênea não existiria variação, já que, todos falariam da mesma forma e isso é uma colocação improvável, tendo em vista o processo de formação do português brasileiro.

O ensino de língua portuguesa no ambiente escolar sempre foi um grande desafio para os professores, dessa forma, é preciso um momento de revisão de seus princípios, objetivos e principalmente de suas metodologias. Independente do ambiente escolar, as demais localidades também tornam o ensino desafiador visto que se tem uma grande variedade linguística carregada de uma riqueza de características.

Diante do fato que a língua é rica e diversificada a sociolinguística educacional visa auxiliar o professor a obter excelentes resultados em sala de aula mesmo diante de tremendos obstáculos. “Frente aos fenômenos da variação, não basta somente uma mudança de atitudes; a escola precisa cuidar para que não se reproduza em seu espaço a discriminação linguística” (BRASIL, 1998, p. 82). Dessa forma, o professor muitas das vezes acaba reproduzindo o preconceito linguístico² em sua prática docente, essa percepção fica claro na fala da professora de Chico Bento quando ela diz: *Isso é lá português que se fale? Já pro castigo! E também quando diz: E amanhã quero você o fino no português.*

O ambiente de sala de aula é formado por diversos indivíduos que carregam costumes, manias e características próprias de suas identidades. Esse fato faz com que a situação dos profissionais da educação seja ainda mais desafiadora. Diante desses e outros agravantes a sociolinguística educacional aborda temas que sensibilizam tanto os profissionais da educação como os alunos. Um dos temas trabalhados é o preconceito linguístico presente em nossas salas, apesar de ser trabalhado de forma contínua o tema na grande maioria das vezes não obtém sucesso.

Pela falta de informações e conhecimentos sobre a Sociolinguística Educacional, é comum o preconceito linguístico no ambiente escolar e fora dele. Cabe ao professor mostrar e ajudar a perceber que as variações e expressões são apropriadas de acordo com o contexto em que serão utilizadas uma vez que nossa sociedade é repleta de variedades linguísticas que dependem da localidade, características, convívios e outros fatores que alteram os modos de expressão. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) de língua portuguesa apresentam o conhecimento e a valorização das variedades do Português, é apresentada a importância de enfrentar e combater o preconceito linguístico dentro e fora da escola.

² Os estudos sobre o preconceito linguístico serão apresentados na seção três (3).

2.2 Dialetoлогия x ensino de língua portuguesa

A dialetologia, às vezes usada como sinônimo de geografia linguística, designa o estudo comparativo dos diferentes sistemas ou dialetos presentes na diversificação da língua no espaço. Dessa forma, o estudo da variação linguística vai além da análise dos signos linguísticos, em que, a dialetologia afigura-se como ferramenta auxiliar no processo de ensino-aprendizagem de uma língua, principalmente a língua materna.

Segundo Cardoso & Mota (2006), a dialetologia busca estabelecer relações entre o ensino da língua ou de várias línguas, apreciando os fenômenos da natureza e as perspectivas do comportamento social do falante diante da sua língua.

Vale ressaltar, que fatores extralinguísticos têm sido responsáveis pela grande carga cultural presente na linguagem, e também de estudos dialetais, sejam pela faixa etária, escolaridade, sexo, profissão e localidade, são primordiais na vertente da geografia linguística, a *pluridimensional*.

Se a intenção de localizar os fatos linguísticos nos espaços geopolíticos é uma constante na história dos estudos dialetais, a preocupação com as características sociais dos informantes e a sua relação com o uso que fazem da língua não tem passado à margem dos objetivos da Dialetoлогия e, em particular, da Geografia Linguística (CARDOSO & MOTA, 2006).

Conforme a matriz curricular do Ensino Fundamental, logo de início se dá prioridade aos estudos da língua, e de sua estrutura heterogênea e das funções que ela possui. Portanto, no caso da variação fonética, por exemplo, percebe-se que sua influência na fala e na escrita dos alunos. O que se percebe na prática é divergente da que é ouvida nos meios de comunicação, como também em outros espaços de conversação. Isto porque a língua é natural, e o ato comunicativo decorre do fato que as línguas são sistemas dinâmicos e extremantes sensíveis, em que estão sujeitos a mudanças naturais, a exemplo; região geográfica, o sexo, idade, classe social dos indivíduos, como também o grau de formalidade.

Contudo, o que se observa atualmente na escola é que a variação na língua tem gerado antagonismos acentuados, tendo em vista o ensino da gramática normativa, e a tentativa de padronizar a língua utilizada pelos estudantes, esquecendo assim qualquer manifestação e variação pertencente aos seus falantes. Um dos fatores que podemos pontuar é a ausência de classes sociais que historicamente estiveram ausentes de qualquer formação pedagógica. Vale ressaltar que os professores parecem ainda não perceber que os alunos não dominam o vocabulário

mais acurado e também não percebem que sua língua parte da rica herança cultural do grupo social a que pertencem. É importante ressaltar que sua língua parte de uma rica herança cultural de *européus, africanos e indígenas*, e que seus traços linguísticos estão presentes na linguagem de cada indivíduo.

Seguindo esta linha, um ponto a ser destacado é sobre o fracasso escolar, sobretudo nas diferenças de recursos entre *localidades urbanas e rurais*, demonstram que uma das principais dificuldades se constitui no uso da linguagem. O resultado é o grande preconceito existente por parte das instituições de ensino, como também a desvalorização da variação linguística. Tal fenômeno ocorre quando é estabelecida uma variedade padrão, ou seja, linguagem formal imposta pela escola. Sobre isso, Bagno (2007, p. 36) afirma:

Ao contrário da norma padrão, que é tradicionalmente concebida como um produto homogêneo, como um jogo de armar em que todas as peças se encaixam perfeitamente umas nas outras, sem faltar nenhuma, a língua, na concepção dos sociolinguistas, é intrinsecamente heterogênea, múltipla, variável, instável e está sempre em desconstrução e em reconstrução. Ao contrário de um produto pronto e acabado, de um monumento histórico feito de pedra e cimento, a língua é um processo, um fazer-se permanente e nunca concluído. A língua é uma atividade social, um trabalho coletivo, empreendido por todos os seus falantes, cada vez que eles se põem a interagir por meio da fala ou da escrita.

Dessa forma, é estabelecido que a escola possua uma visão mais ampla de seus conceitos e conhecimentos que, ao ensinar a língua portuguesa, exponha que a fala apresenta formas diferentes a depender de seu falante, como também épocas diferentes, contextos históricos diferentes que formam falares diferentes, já que, falar diferente não significa falar errado.

Outra contribuição da dialetologia para o ensino de língua está relacionada aos PCNs. Através do conhecimento das formas dos dialetos que a língua portuguesa pode assumir, da heterogeneidade da língua, pode deixar os alunos livres e expressarem de forma natural seu dialeto, sem abster-se da forma social mais valorizada socialmente.

Portanto, é preciso que o professor reflita na sala de aula sobre as variedades presentes, tendo em vista que em uma sala existem pessoas diferentes e contextos diferentes. Valorizando a riqueza da língua falada em seu *plano fonético* – o modo de pronúncia das palavras (sons), no *plano morfológico* – a formação e estrutura de flexionar as palavras, no *plano sintático* - a relação das palavras dentro de uma

oração, e no *plano léxico-semântico* – destinado a ligação de palavras aos seus significados.

Portanto, é nítido as contribuições da Sociolinguística para o ensino de Língua Portuguesa, como também da própria Dialetologia, em que, possuem seus direcionamentos para o estudo da língua e sua manifestação na sociedade.

Apresentando as contribuições da Sociolinguística e da Dialetologia, na próxima seção trataremos dos procedimentos da formação histórica da Língua Portuguesa e seu processo de identidade cultural para o ensino.

3 A LÍNGUA, IDENTIDADE CULTURAL E ENSINO

Nesta seção, apresentaremos o aparato histórico da formação da língua portuguesa até seu estágio atual, explicitando o porquê a língua varia e seu fundamento na instituição escolar.

3.1 História do português no Brasil: breves considerações

Ao estudarmos o percurso da história de uma língua, estudamos a história de seu povo e de sua formação social. No que diz respeito à língua portuguesa no Brasil, sua inserção se deu com a descoberta das terras brasileiras, no ano de 1500. Teyssier (1997) pontua que:

Quando os portugueses se instalaram no Brasil, o país era povoado de índios. Importaram, depois, da África grande número de escravos, O português europeu, o índio e o negro constituem, durante o período colonial, as três bases da população brasileira (TEYSSIER, 1997, p. 62).

Dessa forma, é possível observar que após o descobrimento do Brasil, a língua esteve mais próxima dos dialetos indígenas e africanos do que o próprio português europeu. Com essa junção de comunidades diferentes o português se tornou uma língua muito diversa.

As diversas tribos indígenas usavam uma espécie de língua franca, “fácil, e elegante, e suave, e copiosa, a dificuldade está em ter muitas composições” (RODRIGUES, 1983, p.23). Os primeiros contatos linguísticos devem-se a fatores como: comércio e exploração que ocorriam através de “um jargão de base tupi”, porém, para os missionários, a pregação eficaz deveria ser feita na língua daquele a converter (ROSA,1977, p.107). Dessa forma, a variedade linguística impedia a conversação, em que, os jesuítas tiveram de procurar a aprender a língua tupi, portanto, adotou-se mecanismos que facilitavam o diálogo com os nativos. Trata-se da união que era conhecida como línguas gerais³, que mesclava o tupi e o guarani com o português.

³ Possuindo uma denominação diversificada, conforme Aryon Rodrigues: A expressão “Língua Geral” foi inicialmente usada, pelos portugueses e pelos espanhóis, para qualificar línguas indígenas de grande difusão numa área (1986, p. 99).

No livro *Línguas Brasileiras Para o Conhecimento das Línguas indígenas*, Aryon Rodrigues realiza estudos sobre as línguas indígenas, estabelecendo sua estrutura e seus dialetos no Brasil.

Além das comunidades portuguesas, do uso das línguas gerais, e das inúmeras línguas indígenas, o português ainda teve grande influência das línguas africanas de diferentes comunidades. Castilho (1992) indica, entre 1538 e 1855, 18 milhões de escravos negros vindos para o Brasil, nota-se que a grande demanda influenciou principalmente no desenvolvimento do vocabulário português.

Posteriormente, com a chegada da família Real ao Brasil, o processo da língua portuguesa passa mais uma vez por transformações, em que afetam diretamente não só as práticas de ensino das instituições escolares, como também de toda camada da sociedade. Com a chegada da família Real, e com a grande quantidade de portugueses que migraram para o Brasil, a língua geral passou a entrar em decadência, em 1757. Além disso, a proibição do uso das línguas gerais por Marquês de Pombal com o *Diretório dos Índios*⁴ marcou a repreensão da língua tupi-guarani. Bagno (2003) descreve que tal atitude demonstrava que a língua portuguesa era utilizada por uma pequena parcela da população e essa medida excluiria as concorrentes. Nota-se, que já no período colonial brasileiro, a perspectiva opressora já era vigente, em que, as medidas políticas-linguísticas prestigiam as línguas de maior prestígio se sobressaem em relação às demais línguas.

Para Teyssier (1997, p. 72), “após a Independência, muitos brasileiros pensavam ser impossível haver uma nação original, com sua cultura e com literatura própria, sem língua original”, já que, a formação social e linguística da cultura brasileira sofreu influência de outras culturas, em que, era um fato evidente em sua identidade nacional.

Ao longo do tempo, a língua portuguesa, língua oficial em todo o território brasileiro, que também é um país multilíngue, iniciou a partir de 1500 através dos primeiros contatos linguísticos, posteriormente no período colonial se formou através da junção de várias culturas, entre elas povos imigrantes que, através da miscigenação dos povos, sua cultura e sua língua formaram a identidade brasileira.

Segundo Mattos e Silva (1995) a:

Língua Portuguesa no Brasil, está no embate entre a norma padrão idealizada tradição lusitanizante; as normas cultas e normas vernáculas, também designadas de português-padrão, português brasileiro culto e português

⁴ Diretório dos Índios foi uma lei elaborada em 1755, e tornada pública em 1757, por D. José I, Rei de Portugal, através de seu ministro, o Marquês de Pombal. Ela proibia o uso da língua geral e obrigava-se oficialmente o uso da língua portuguesa em todo o território brasileiro.

brasileiro popular - convenientes na complexa e heterogênea comunidade de fala portuguesa no Brasil (MATTOS E SILVA, 1995, p. 21).

Portanto, a descrição e entendimento do processo de formação histórica do português brasileiro é fundamental para entender como ocorrem a variação linguística dos alunos dentro da sala de aula, tendo em vista que cada estudante possui formações diferentes, e que tiveram contatos linguísticos diferentes e, que na sala de aula toda essa carga cultural estará presente. O léxico presente no ambiente escolar é um reflexo das comunidades que formaram o português.

3.2 Perspectiva das variedades linguísticas x ensino de língua portuguesa

A partir de todo aparato histórico apresentados no tópico 3.1 deste trabalho, e entendendo o processo de formação da língua portuguesa (LP) é, possível identificar que a sala de aula é um espaço multicolorido, principalmente no que diz respeito a identidade e a linguagem, em que, as práticas de ensino-aprendizagem como também a metodologia adotada pelo professor, deverá entender que a essência de cada aluno é registrada em sua língua, e em sua forma de comunicação.

É na sala de aula também que ocorrem as inúmeras demonstrações de variação linguística, já que, o aluno estará expondo a sua formação. Segundo os PCNs (BRASIL, 1998, p. 29), “a variação é constitutiva das línguas humanas, ocorrendo em todos os níveis. Ela sempre existiu e sempre existirá, independentemente de qualquer ação normativa”. Portanto, é importante destacar que os fenômenos linguísticos dentro da sala de aula não podem ser descartados no ensino de língua materna (LM), tendo em vista que estes traços naturais pertencem à linguagem humana.

Porém, diferente de uma realidade desejada, muitos professores ainda permanecem presos a um ensino tradicional, principalmente os de língua portuguesa, em que, ainda corrobora uma exclusão pela variação linguística presente na sala de aula, prejudicando ainda mais a aprendizagem dos alunos. Magda Soares (2020) em uma entrevista a Abralín, destaca o fracasso escolar nas práticas de ensino-aprendizagem, informação essa que possui ligação direta com o ensino da linguagem e, que corrobora nas metodologias de ensino.

Em função do dinamismo na sala de aula, é possível observar que a linguagem cada vez mais é reinventada, já que o ser humano se adequa ao meio social que ele está inserido. E como estamos vivendo em um mundo mais globalizado, as pessoas

se encontram mais e estão mais conectadas, não somente no meio social como também pela internet, de modo que surgem alguns neologismos, que em muitos dos casos somente os próprios usuários podem entendê-lo.

Dessa forma, é importante destacar que existem tipos de variações linguísticas, movidas pela evolução das palavras ao longo da história, as de diferenças regionais, como também as derivadas por fatores sociais e outros. Podemos ressaltar as variações diacrônicas, diatópicas, diastráticas, diafásicas e diamésicas.

No quadro 1, cada tipo de variação é definido e exemplificado.

Quadro 1 - Os tipos de variação linguística

Tipos	Conceito	Exemplos
Varição diacrônica	São classificados como diacrônicos todos os fatos considerados elementos ou fatores de um sistema em curso de evolução. Dessa forma, podemos entender como o estudo da evolução da língua ao longo do tempo.	Areado = Desorientado Boticário = Farmacêutico Carraspana = Bebedeira Vosmecê = Você Comprir = Cumprir
Varição diatópica	Entendem-se as diferenças que a língua apresenta de forma regionais ou geográficas de falantes que as utilizam, que uma mesma língua apresenta na dimensão do espaço quando é falada.	Palavras que possuem nomes diferentes em cada região como: aipim, mandioca, macaxeira; abóbora, jerimum, moranga; sacolé, dindim, geladinho.
Varição diastrática	Está relacionado pela adequação e aspectos educacionais e social da população. Deriva-se de fatores como idade, sexo, classe social, profissão etc.	As gírias é umas das características, em que, a maioria utilizados por adolescentes em rodas de conversas, como: Gata ou gato = mulher bonita, homem bonito. Cabeça-dura = pessoa teimosa. Dar o troco = fazer vingança.
Varição diafásica	Ocorre dependendo da situação do contexto comunicacional. Esta variação a pessoa, o lugar e a situação determinam o tipo de linguagem que o indivíduo deve utilizar, podemos entendê-la como linguagem formal e informal.	Em uma reunião de Advogados, ou, em um encontro de amigos do Ensino fundamental ou Médio. Na primeira situação o tipo de linguagem vai ser formal, devido ao ato da comunicação, já o segundo caso, deve-se ser usado uma linguagem mais informal, ou seja, o português mais vulgar.
Varição diamésica	Seu conceito está relacionado a vários meios. No campo sociolinguístico, compreende, inicialmente, as profundas diferenças que se observam na língua falada e escrita.	Acontece entre a fala e a escrita, usando-se gêneros textuais, ou seja, suportes de transmissão, dessa forma, contendo características regulares, como: WhatsApp ou em um seminário.

Fonte: Elaborado a partir de Dubois *et al.* (2014), e Ilari (2006)

De acordo com o quadro geral, Bagno (1999, p. 48) declara que “toda variedade linguística é também o resultado de um processo histórico próprio, com suas vicissitudes e peripécias particulares”. Devido à grande extensão territorial do Brasil, nota-se que a diversidade linguística é muito vasta e que a forma de falar a língua portuguesa muda de região para região, resultado não somente da dimensão continental e cultural que faz parte da formação histórica de cada indivíduo.

Neste sentido, é comum que na língua portuguesa uma palavra pode possuir outras denominações em outras regiões, como “sacolé, dindim, geladinho”, podemos observar que há uma mudança quanto ao seu nome, porém a significação da palavra permanece a mesma. Mediante os estudos da sociolinguística, no Brasil é bastante comum o uso da variação da locução “a gente” em lugar do pronome “nós”, sendo que o uso da sentença “a gente” é utilizado com mais frequência em determinadas comunidades do Brasil.

Vale destacar, que alguns gramáticos condenam o uso dessa sentença. Porém, do ponto de vista sociolinguístico, os falantes exercem autonomia e estilo, uma vez que, a mensagem possa ser entendida entre os falantes.

Assim, é possível observar que no contexto escolar, professores ainda utilizam de metodologias tradicionais, principalmente nas formas de ensino da gramática normativa, como único mecanismo de ensino válido no ensino de língua portuguesa. Valorizando a norma padrão e, excluindo a diversidade linguística presente em sala de aula.

Nessa perspectiva, Mattos e Silva afirma que

o que designa de ensino de “língua materna”, recobre uma imprevisão teórica e real, já que, em princípio, não se ensina língua materna, ela se adquire naturalmente na aquisição da primeira infância, tanto que, no caso do português no Brasil, como é do conhecimento real, muitos sabem do português sem nunca terem tido a possibilidade de o “aprenderem” através do sistema escolar (MATTOS E SILVA, 1995, p. 19).

Portanto, o ensino de LM conhecendo o processo de formação do português brasileiro é, ter plena consciência que em uma sala de aula o professor tem de estar preparado para as mais diversas formas de expressão da linguagem, já que a língua é viva, e os padrões lexicais presentes na fala dos alunos demonstra o quão rica é o vocabulário português, e lidar com as diferenças linguísticas é uma das dificuldades que as escolas apresentam, porém, é dever da escola juntamente de metodologias,

contextualizar o assunto em sala de aula. Em outras palavras, “cabará ao professor e à escola como um todo transformar o aluno num poliglota dentro de sua própria língua histórica” (BECHARA, 1995, p. 40). Dessa forma, o professor deverá exemplificar a importância e os estudos das várias línguas e sua função dentro e fora da unidade de ensino escolar.

3.3 Escola, norma padrão e preconceito linguístico: há lugar para a variedade?

Há décadas discute-se sobre o ensino da língua portuguesa em sala de aula e as relações entre o ensino da língua e o preconceito linguístico, como tal característica, diversos fatores e questões nos levam a reflexão sobre a valorização do ensino da norma-padrão da língua portuguesa e de como é posta em sala de aula.

A linguagem culta é imposta aos alunos desde as séries iniciais do ensino fundamental os quais conseqüentemente trazem consigo a língua coloquial a qual se aprende no seio da família, conseqüentemente, encontram-se longe da norma-padrão e tornam-se considerados pela escola como deficientes culturais e linguísticos. Fatos como esse nos levam a refletir: estariam sendo contados e respeitados por tais defensores de tal teoria fatores como a variedade linguística, o contexto sociocultural e econômico?

Em geral a norma-padrão é colocada como referência obrigatória e exclusiva no âmbito escolar quando se trata de comunicação e interação, fazendo com que seja negligenciada e esquecida a bagagem cultural e social que o aluno vivencia em seu contexto social, a partir daí ocorre um choque linguístico do qual envolve o dialeto que ele tem de origem sociocultural e a normativa ensinada na escola.

Conflitos como esse geram conseqüências drásticas principalmente para os alunos que pertencem às classes marginalizadas uma vez que o ensino tradicional da língua portuguesa se classifica como “certo” e “errado” a língua materna e como resultado ocorre uma seqüência de reprovações que se estende durante anos.

É possível perceber que, mesmo diante de tamanha evolução no ensino da língua, ainda existe grandes variações e preconceitos que envolvem principalmente as classes menos favorecidas. Uma vez que o aluno não consegue dominar sem misturar a variedade linguística de seu contexto social, e a linguagem formal aprendida e ensinada somente na escola, enquanto as crianças de classe social favorecida têm desde sua primeira infância o contato direto por meio de seus pais com

a norma-padrão em seu cotidiano, em virtude disso algumas pessoas têm menos dificuldade para familiarizar-se a norma-padrão.

Falar em variação linguística no âmbito escolar nos leva a muitas reflexões. É sabido que a espécie humana se organiza em comunidades das quais possuem variedades linguísticas que envolvem a origem geográfica, o contexto social e a classe social, fatores como esses refletem na comunicação. É evidente as variedades linguísticas presentes em nosso país. Torna-se irrefutável evitar e ignorar as mudanças no uso da língua, isto porque fatores como regionais, nível de escolaridade e grupos sociais distintos caracterizam diferentes dialetos e influenciam na forma de falar.

O Brasil, devido a sua grande extensão territorial, apresenta uma diversidade linguística que merece ser estudada, assim como outros idiomas. Toda língua está sujeita a alterações naturais, para Fiorin (2002, p. 22) “[...] as línguas se transformam com o tempo, independente da vontade dos homens, seguindo uma necessidade própria da língua e manifestando-se de forma regular”. Nesse sentido, compreende-se que o processo natural da língua muda, devido às relações de seus falantes nativos e de influências externas.

Embora seja muito discutido o preconceito linguístico ainda se faz presente no cotidiano e principalmente em sala de aula, o professor desempenha um importante papel que pode ser positivo ou relativo quando trata-se do ensino da norma da língua portuguesa e o preconceito linguístico. É do conhecimento de todos que as pessoas da zona rural acabam sofrendo drasticamente esse preconceito seja ele por não ter uma adequabilidade ao ensino proposto em sala ou por serem taxados como “falantes errados”.

O preconceito alastrado em nossa sociedade deve ser combatido, trabalhado e excluído na escola, entretanto, o professor em seu bom senso fornece aos seus alunos as chaves essenciais para tal finalidade enquanto que a escola em seu papel político desempenha estender o acesso a todas as classes sociais o ensino e o acesso da variedade-padrão lembrando que os PCN’S já enfatizam e ensinam que deve ser respeitado a variação e o conhecimento que o aluno domina um vez que não se dê espaço para tais preconceitos.

Dessa forma, Bagno (2001) expõe que o professor precisa compreender que muitas das vezes os equívocos da linguagem cometidos pelos alunos no ambiente escolar, mas não comete erros de português, pois a formação de sua LM é adquirida

naturalmente, contemplando a formação sócio-histórica e suas regras gramaticais. Portanto, fazer correções, sem um aprofundamento nos conteúdos para uma reflexão, pode tornar o aluno receoso em expor seus princípios e suas ideias, o fazendo se sentir inferior em relação aos demais alunos da sala, culminando assim, alimentando o próprio preconceito linguístico do qual é vítima.

Tendo em vista os dados apresentados são importantíssimos que o professor como também a própria instituição de ensino não ignore a diversidade linguística presente na sala de aula, pois essas características fazem parte da identidade cultural e social de cada indivíduo.

3.4 Análise semântica e lexical no contexto escolar

A semântica, em seus estudos linguísticos, é vista como uma ciência encarregada de estudar a conceituação das palavras existentes dentro de uma língua/idioma, dessa forma, tendo em vista a riqueza do vocabulário maranhense, como também as inúmeras palavras que compõem o léxico maranhense.

O estudo do léxico na escola agrega de forma positiva nos conhecimentos e complementa os estudos da língua. Segundo Bechara (2011, p. 780), léxico é “acervo de palavras de uma determinada língua”. Trabalhar o estudo lexical em sala de aula aproximará os alunos dos recursos da língua portuguesa, como também é uma forma de conhecerem sua língua materna. No maranhão, projetos como o ALiMA⁵ buscam mapear de forma histórica e geográfica o desenvolvimento da língua.

Durante a coleta de dados na escola, tendo em vista o grande acervo lexical que cada aluno possui, foi possível interpretar que muitas das dificuldades relacionadas em interpretação textual dos alunos está relacionada com a falta de ensino da língua materna e da própria variação linguística, como também fatores semânticos, já que, em alguns casos os alunos desconhecem as palavras ou expressões próprias de sua língua. Para que os alunos conhecessem os termos por trás dessas definições, foram trabalhadas aulas introdutórias para auxiliarem nos conhecimentos iniciais, em que, foi possível entender a realidade linguística de cada um.

⁵ Projeto Atlas Linguístico do Maranhão (ALiMA) é um projeto desenvolvido pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e da Faculdade Atenas Maranhense (FAMA). De caráter regional, tem por objetivo descrever a realidade do português falado no território maranhense, como também estudos históricos e geográficos da realidade linguística.

Dessa forma, é importante salientar que a variação é normal em cada indivíduo, tendo em vista que o uso formal da língua muito está ligado aos meios de acessos. Já neste cenário, fatores econômicos, sociais são reflexos que diferem dessa variação.

Um caso bastante presente é quanto ao uso da variação *tu/você* no PB que é objeto de estudo de várias pesquisas, em que, estes possuem uma grande diversidade no uso desses pronomes, que reflete não somente a situação de região de outra, como também é visível a variação de mesma região, ou em locais próximas como *zona urbana/ zona rural*, em que estes fatores são importantes para a colocação.

Esta visão auxilia que o ambiente escolar é o local em que o ensino da língua portuguesa deve ser trabalhado de forma eficaz, em que, o professor deve conhecer as inúmeras significações que as palavras podem assumir, tendo em vista a colocação da norma padrão da língua portuguesa, mas reconhecendo o processo de variação linguística.

Outro caso bastante presente no vocabulário dos alunos é na sentença *nós/ a gente* para entender o uso dessa variante linguística, é preciso entender que a língua portuguesa surgiu do latim vulgar, e, é dessa forma que se pode buscar pela origem etimológica do pronome *nós*. Para Câmara Jr. (1979, p. 90) já existia, no sistema morfológico da língua latina, a forma linguística denominada "nōs", em que, sua referência era tinha o falante e mais alguém.

Para o professor Rodrigues Júnior (2002), quando aborda os pronomes da gramática da língua portuguesa, revela que

A esquematização da variação do pronome pessoal "nos" está na evolução do latim para o português. Primeiro a forma pessoal "nos" sistematiza o pronome "nós", que serve de objeto direto e indireto, designando a 1ª pessoa do plural. Nesta evolução da GLP o pronome vem de uma maneira aberta, pois desenvolveu-se da forma fechada da língua latina. As formas latinas "nostrum/nostri" e "nobis" passaram por um processo de caracterização rumo ao pronome possessivo "nosso" que exprime algo pertencente ou que diz respeito, dentro desse âmbito a forma latina "nobis" evolui para o pronome pessoal "conosco".

Além de ter uma concorrência com a expressão *a gente* na língua portuguesa, o pronome *nós* ainda apresenta/ caracterizado por apresentar nos níveis linguísticos variação fonológica e sintática.

Quanto a expressão *a gente* ainda não é colocada como pronome pessoal por muitos gramáticos, analisando de forma semântica o *a gente* equivale ao pronome

canônico *nós* em que ambos disputam espaços na língua. É importante destacar, que para explicar a variante em questão, é necessário fazer um percurso histórico da origem e pronominalização de *a gente* no PB, e, este é um fator inerente ao processo evolutivo da gramaticalização, em que, estuda as inovações e mudanças da gramática de uma língua.

Na língua portuguesa, um grande exemplo de gramaticalização é do pronome “você”, cuja seu processo evolutivo pertence ao pronome de tratamento “vossa mercê”, é importante destacar que essas expressões foram sendo utilizadas por diferentes camadas sociais, primeira pelos membros da própria monarquia, em seguida pela burguesia, até se tornar uso natural da fala de pessoas de camada social baixas. Podemos assemelhar este processo com o próprio latim, em que era dividido em *latim clássico*, utilizado pelas camadas altas da sociedade, e o *latim vulgar*, esse no qual se propagou em várias regiões. Para exemplificar o processo de gramaticalização, a expressão *vossa mercê* → *vossemecê* → *vosmecê* → *vancê* → *você*. É importante destacar que em algumas regiões do Brasil possuem lugares que usam as formas “ocê” e “cê”.

Portanto, com base em todo aporte histórico envolvendo as formas *Nós/A gente* podemos determinar que estes princípios vocabulares pertencentes a cada alunos reflete em muito sobre a formação social de cada um, pois, muito de seu vocabulário é reflexo de seus próprios pais ou responsáveis.

Fazendo uma reflexão sobre o local em que os alunos estão inseridos, o Estado Maranhense, é muito comum que na região possua expressões que somente exista no local, é claro que a forma que o maranhense fala o português é de uma forma mais limpa, porém, nada que permaneça ainda no campo da variação linguística.

Durante as intervenções para a obtenção dos dados, é possível identificar que os próprios alunos conhecem que o léxico maranhense é diferente das demais regiões, em que, no Maranhão possui expressões únicas que compõem o vocabulário rico de cada indivíduo.

Em síntese, Antunes (2009, p. 23) afirma que “Nossa língua está embutida na trajetória de nossa memória coletiva. Daí, o apego que sentimos à nossa língua, ao jeito de falar de nosso grupo. Esse apego é uma forma de selarmos nossa adesão ao grupo”.

3.5 Reflexões sobre o ensino de Gramática Normativa em sala de aula

O ensino de língua portuguesa tem sido um grande desafio nos últimos anos em nosso país uma vez que as reformulações das regras gramaticais deveriam tornar alunos em sujeitos ativos e não passivos. A norma padrão e a gramática normativa tem sido um dos principais motivos de discussões, tensões e divergências. As grandes dificuldades enfrentadas por professores em mediar essas questões em sala de aula.

Embora se tenha orientações oficiais, muitos professores ainda persistem em condenar a gramática normativa com regras levantando questionamentos e dividindo opiniões. Apesar da gramática normativa tentar padronizar a língua, sabemos que essa é um conjunto de fatores que vão desde a classe social do indivíduo quanto sua região geográfica e outros fatores que fazem da língua um emissor da comunicação.

A escola é reconhecida como um local de conhecimento mesmo que o dialeto padrão ainda seja a preferência. Existe uma grande reflexão ao compararmos a preferência do ensino da norma padrão com as variedades, o que conseqüentemente afeta o pensamento de que a gramática normativa é a única e correta forma de se falar.

A língua materna é a forma de interação que deve ser respeitada, entretanto, ainda ocorre preconceito por parte de professores dos quais esquecem que a interação entre sujeitos não precisa seguir regras para acontecer. A partir do momento em que a escola compreende e absorve que as normas gramaticais servem para complementar a língua e a linguagem em diferentes situações e não as limitar com um conjunto de regras o pensamento do aluno muda.

Diante de tais fatores, a gramática normativa muitas vezes acaba sendo descontextualizada, o que prejudica e afeta o uso feito pelos falantes. Deste modo eis a importância de o ensino escolar abrir novas formas e métodos que ampliem e facilitem para os alunos a ideia de que a aprendizagem deve ser voltada de forma mais clara e realista possível diante do aluno e suas dificuldades, o contínuo ensino tradicional deve ser abolido e esquecido, vale ressaltar que a utilização de materiais que classificam o ensino como certo e errado prejudicam de forma direta a instituição escolar e o domínio da língua padrão.

3.6 Trabalhando Gramática e Variação: reflexões sobre as práticas metodológicas no ensino

Diante das ações apresentadas, e do entendimento sobre as práticas de ensino de língua portuguesa em sala de aula, foi possível refletir sobre formas de ensino envolvendo como trabalhar a gramática e a variação linguística em sala de aula. Dessa forma, partindo das ideias de Bagno (2001), que para trabalhar a gramática tradicional na sala de aula, é preciso partir do princípio que a gramática não é um sistema de regras fechado. Portanto, é comum que mudanças ocorram ao longo do tempo, tendo em vista a necessidade que a língua tem de mudar, e que, nosso país é constituído de diversas culturas que formaram a língua que usamos atualmente. Conforme o tópico 3.1 deste trabalho, a formação da língua portuguesa partiu da inserção de muitos imigrantes que chegaram às terras brasileiras, além da grande quantidade que já tinha de tribos indígenas que já residiam. Essa analogia, explica-se a existência das grandes variedades linguísticas.

Bagno (2001) diz que:

Que é preciso, sim, deixar de ver a gramática tradicional como uma doutrina “sagrada” e “infallível” para que os estudos gramaticais possam voltar ao seu lugar de origem: o da investigação do fenômeno da linguagem, o da tentativa de compreender a relação entre língua e pensamento, o do exame das relações que as pessoas estabelecem entre si por meio da linguagem, etc. em suma, empreender o estudo da gramática nas línguas dentro de uma perspectiva científica, de acordo com os conceitos modernos da ciência. Para isso, temos de parar definitivamente de ver GT como se nela estivesse contida a verdade absoluta e incontestável a respeito da língua, como se ela fosse um conjunto de leis intrinsecamente, boas e justas, como se desobedecer tais leis fosse um crime contra a língua. (BAGNO, 2001, p.22).

Assim, é necessário que se entenda que as duas vertentes são muito importantes para o processo educacional, tendo em vista que novas formas de ensino e a compreensão da realidade de cada aluno. A fala é um fenômeno que possui modismos únicos para cada indivíduo, assim, a variedade linguística não é um fenômeno que acontece somente em um local, daí a heterogeneidade que é inerente de qualquer língua. Seguindo essa linha de pensamento, como também o entendimento do ambiente escolar. Bagno (2003) pontua que:

A língua falada é um tesouro onde é possível encontrar coisas muito antigas, conservada ao longo dos séculos, e também muitas inovações, resultante das transformações inevitáveis por que passa tudo que é humano e nada mais humano do que a língua [...] (BAGNO, 2003, p.24).

Portanto, é importante que o professor de Língua Portuguesa trabalhe dentro da sala de aula com textos de vários autores, que contemplem os momentos históricos, escritos ou não de acordo com a gramática normativa, como também exemplos de textos regionais que demonstrem o uso da língua, a fim de que demonstre as características específicas das regiões brasileiras, das comunidades e das épocas em que foram escritos.

Essas temáticas farão com que o aluno possa conhecer o quão importante é o conhecimento sobre a língua materna, a exemplo, durante o período de coletar os dados, foi possível identificar curiosidade e interesse por parte dos discentes, em que todos foram introduzidos no ensino da gramática e da variação, como também as reflexões acerca dos diferentes tipos de textos das regiões, entre os textos com exemplos do presente e passado.

Portanto, é necessário que o aluno conheça as diferenças culturais na fala de cada indivíduo, quebrando o estigma de certo e errado apontados pelos ensinamentos enfadonhos e cansativos, entendendo como a língua se manifesta. Entretanto, é preciso entender algumas situações linguísticas, em que, vai solicitar uma linguagem mais específica por parte dos sujeitos. Ou seja, é muito importante o aluno conhecer as adequações das diferentes situações comunicativas.

Outro fator importante para que o aluno tenha um conhecimento mais desenvolvido sobre a gramática e a variação linguística, é através do estímulo da leitura, é claro que existem pontos a serem vistos, e um deles é a falta de leitura dos alunos em sala de aula, fator decadente para o desenvolvimento da aprendizagem, porém, o que busca-se aqui é inserir os alunos em textos chamativos, que atraiam a atenção de cada um, claro que para o desenvolvimento destas ações, é necessário uma unificação da instituição de ensino, dos professores e principalmente o papel da família neste processo.

É importante destacar, e isso vale para a formação dos primeiros anos de idade, em que, é na base que deve ser trabalhado com cautela a aprendizagem dos alunos, já que, é nesta fase que seus sentidos estão dispersos a aprendizagem e ao interesse. Seguindo esta linha, é necessário estimular e motivar cada vez mais os alunos com leituras construtivas para seu desenvolvimento futuro, pois, é através da leitura que os alunos desenvolvem suas competências e habilidades necessárias. Koch (2006) reforça que:

Neste nosso percurso, destacamos que a leitura é uma atividade que solicita intensa participação do leitor, pois, se autor apresenta um texto incompleto, por pressupor a inserção do que foi dito em esquemas cognitivos compartilhados, é preciso que o leitor o complete, por meio de uma série de contribuições. (KOCH, 2005, p.35).

Segundo a autora, a construção de sentido não é somente atribuída ao texto escolhido, mas também para o leitor, em que, o leitor é capaz de decifrar as diferentes significações presentes no ato da leitura.

O estudo da variação da língua é uma temática que está ganhando cada vez mais espaço, principalmente na área da educação, em que, é primordial entender a realidade linguística de cada aluno. Porém, o professor quando se depara com a realidade escolar, é obrigado a trabalhar apenas conteúdos rotineiros presentes na grade pedagógica, excluindo assim os estudos da linguagem. Dessa forma, é necessário que as instituições de ensino reformulem os conteúdos programáticos, estabelecendo assim o que deve ser trabalhado nas aulas de Língua Portuguesa. Esta é uma questão a ser analisada, tendo em vista que a divisão dos conteúdos escolares trabalha as noções básicas de linguística, gramática normativa, literatura e produção textual.

Estes excessos de conteúdos levam o professor a não dar a devida atenção aos fenômenos da fala, tendo em vista o acúmulo significativo de conteúdos em sala de aula.

Portanto, é preciso uma reavaliação nos livros didáticos. É fato que o livro didático é fundamental para os alunos e o professor, tendo em vista sua importância no processo de ensino e aprendizagem. Mas, o que devemos analisar é quanto ao processo evolutivo, e neste progresso, os livros didáticos estão longe para se adequar aos recursos para o professor com os alunos dentro da sala de aula.

Dessa forma, os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa (PCNs) observam que:

Dessa forma, o que se propõe é que, na delimitação dos conteúdos, as escolas procurem organizar suas práticas de ensino por meio de agrupamentos de textos, segundo recortes variados, em razão das demandas locais, fundamentando-se no princípio de que o objeto de ensino privilegiado são os processos de produção de sentido para os textos, como materialidade de gêneros discursivos, à luz das diferentes dimensões pelas quais eles se constituem (BRASIL, 2006, p. 38).

Conforme os PCNs, as práticas de ensino devem acontecer com base na realidade do aluno, de forma que ele possa se identificar com mais profundidade e assim desenvolva sua cognição.

Seguindo essa linha, o professor munido de novas formas metodológicas deve-se utilizar da diversidade linguística presente na fala dos seus alunos inserindo o ensino da gramática como algo importante. Em média as salas de aula do ensino fundamental possuem em média uns 30 alunos, cada aluno sendo de identidades e famílias diferenciadas, dessa forma, trazem para o ambiente escolar costumes, hábitos adquiridos no seio familiar, de modo que fica evidente na forma de falar e se comunicar.

Portanto, o professor deve saber lidar com todas essas diferenças, trabalhando com o ensino de inclusão, no qual as prioridades são o desenvolvimento e a aprendizagem dos discentes.

4 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este capítulo descreve o percurso metodológico da construção deste trabalho, estruturando-se em quatro (4) tópicos, no tópico (4.1) é feita uma descrição/caracterização do *locus* da pesquisa. O tópico (4.2) faz uma descrição do perfil dos informantes da pesquisa. No (4.3) descrevemos os procedimentos para a realização do trabalho, ou seja, o procedimento a ser abordado pelo trabalho proposto. Portanto, desenvolvendo de forma clara e objetiva a centralização do objeto de estudo.

O tópico (4.4) é destinado aos instrumentos de coletas de dados que servirão de fontes para a construção do trabalho.

4.1 O *Locus* da pesquisa

A coleta de dados foi realizada em uma Escola⁶ Municipal do município de Zé Doca – MA. Sua clientela é de classe média e principalmente de classe baixa. Ela atende cerca de 420 alunos ao todo nos dois turnos, com os anos de 6º ao 9º ano.

Imagem 1 - Escola Municipal do município de Zé Doca-MA



Fonte: Elaborado pelos autores

⁶ Em conformidade com o local, resolvemos não expor o *locus* de pesquisa, assim como os alunos envolvidos neste estudo, destacando apenas as características e imagens com distorções.

Desde sua construção em 1987, a escola passou por reformulações, principalmente em sua estrutura física. Inicialmente a escola atendia alunos do Ensino Fundamental (anos iniciais), regular e EJA (Educação de Jovens e Adultos). Atualmente, a instituição trabalha somente com alunos do 6º ao 9º ano.

Quanto ao espaço escolar é composta por nove (9) salas de aula, uma (1) secretaria, uma (1) sala de professores, uma (1) cozinha, oito (8) banheiros masculinos e dez (10) femininos.

A escola conta com um quadro de profissionais formados por (1) diretora, uma (1) supervisora, quatro (4) secretários, doze (12) funcionários de apoio (vigilantes, porteiros, merendeiras e auxiliares gerais). O quadro do corpo docente da instituição é composto por trinta e um (31) professores.

A instituição possui ambiente bem estruturado, com salas climatizadas, dispõem de cadeiras confortáveis para o desenvolvimento das atividades educacionais, como também de recursos como Televisão e Datashow, disponibilizado pela organização da instituição para o melhor conforto durante as aulas.

4.2 Perfil dos informantes

Para o desenvolvimento deste trabalho, participaram cerca de 34 alunos do 8º ano da Escola, em que, todos inicialmente tiveram aulas introdutórias e reflexivas sobre a temática a ser abordada. Visando um melhor aprofundamento nos dados, cada núcleo de aula teve como objetivo expor de maneira clara, os pressupostos sobre a variação e preconceito linguístico em sala de aula, abordando também as intervenções pedagógicas do ensino da gramática normativa.

Distribuição dos alunos como mostra o Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Distribuição dos sujeitos envolvidos na pesquisa

	8º ano – DISTRIBUIÇÃO DOS SUJEITOS		Faixa etária
Escolaridade	Ensino Fundamental		12 / 15 anos
Sexo	Masculino	Feminino	
Quantidade de alunos	21	13	

Fonte: Elaborado pelos autores.

4.3 Tipo de pesquisa

Para o alcance dos objetivos, esta pesquisa tem caráter **exploratório** e **descritivo**, tendo em vista que precisamos esclarecer e delimitar o tema de investigação, sendo este o primeiro passo para aprofundamento deste estudo.

Quanto à abordagem utilizada, a nossa pesquisa é, ainda, caracterizada como **quanti/qualitativa**. Dessa forma, desenvolvemos o trabalho estreitando a relação entre fundamentação teórica e os dados colhidos nas publicações acadêmicas e livros de Linguística que abordam a temática.

4.4 Instrumento de coleta de dados

Os dados coletados para a realização desta monografia foram realizados durante os meses de julho e setembro de 2022. O projeto foi dividido em quinze (15) encontros. A coleta de dados foi dividida em três (3) etapas.

1ª Etapa - Aplicação do questionário 1, destinado a coletar informações acerca do perfil de cada um dos alunos envolvidos na pesquisa.

Imagem 2 - Momento de aplicação do Questionário 1: Coleta inicial dos dados



Fonte: Elaborado pelos autores

2ª Etapa – Aplicação do questionário 2, ensino da Língua Portuguesa, uso da linguagem, preconceito linguístico e gramática normativa.

Imagem 3 - Momento de aplicação do Questionário 2: Ensino de Língua Portuguesa, preconceito linguístico e gramática normativa



Fonte: Elaborado pelos autores

3ª Etapa – Aplicação do questionário 3, leitura e análise do poema *VÍCIO NA FALA* de OSWALD DE ANDRADE

Imagem 4 - Momento de aplicação do Questionário 3: Análise do Poema



Fonte: Elaborado pelos autores

Vale ressaltar, que para o aprofundamento, construção e levantamento da pesquisa propomo-nos a abordar acerca – da coleta bibliográfica e questionários. A primeira, indispensável a qualquer pesquisa científica em que fornecerá os conhecimentos teóricos e empíricos sobre o conteúdo. O levantamento bibliográfico de informações contidas neste trabalho deu-se a partir do Banco de Teses da CAPES, das revistas eletrônicas de tratamento científico Domínios da Linguagem e Letras de Hoje, em que, tinha como teses o levantamento de estudos linguísticos sobre o Nordeste, além do Portal de Revistas da USP, e da Plataforma Google Acadêmico.

5 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

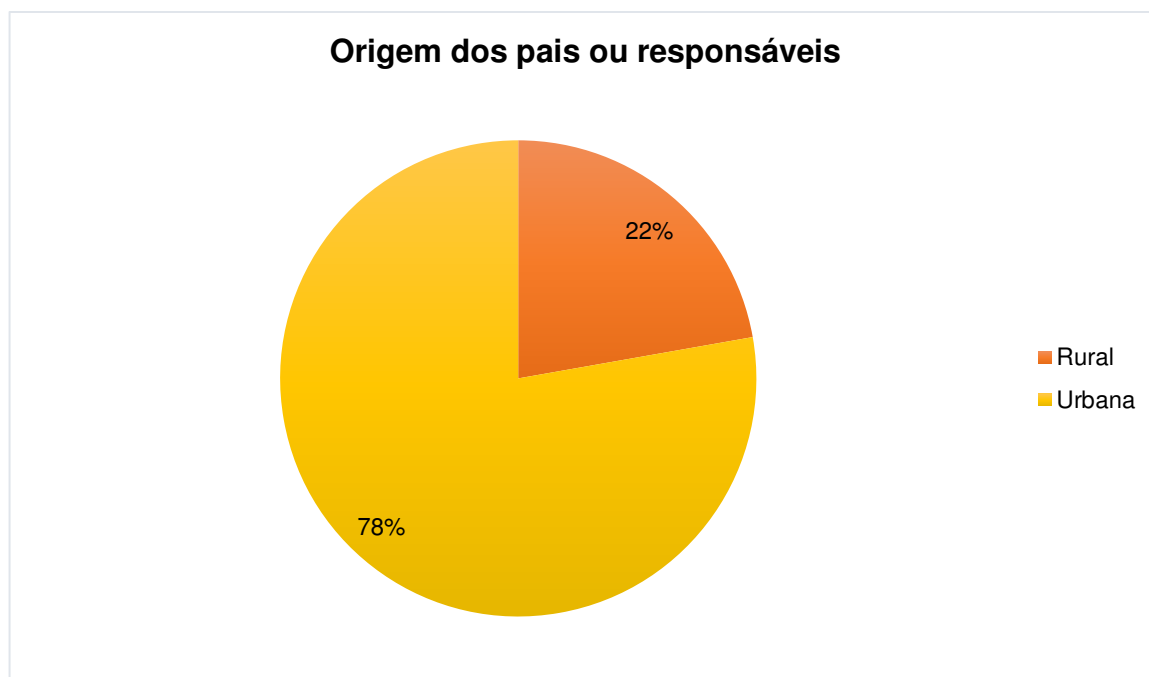
A coleta de dados iniciou-se primeiramente com a apresentação da carta de ofício para a direção da escola, em seguida foram apresentados os objetivos do trabalho com o intuito de coletar todos os dados necessários. Foram esclarecidos os parâmetros de abordagem e como seria o seu desenvolvimento. Em seguida foi apresentado para o professor a proposta de intervenção, em que, tanto a instituição escolar, como também o professor, aprovaram o pedido.

Inicialmente, desenvolvemos uma sequência didática em que foi possível trabalhar de forma ímpar todo o conteúdo proposto. A sequência didática, em que foram desenvolvidas as atividades, contempla 3 (três) questionários distribuídos em quinze (15) aulas. As intervenções tiveram início em 21 de julho e foram concluídas em 16 de setembro.

1º MOMENTO: COLETA INICAL DOS DADOS

Para o desenvolvimento da pesquisa, foi realizado um levantamento do perfil dos alunos por meio de um questionário, no que se refere a situação da escolaridade dos pais ou responsáveis, a idade de cada aluno, a procedência social, econômica e as impressões iniciais sobre o ensino língua portuguesa e variação. Os dados iniciais são importantes, pois, é possível conhecer melhor a realidade de cada aluno.

Gráfico 1 - Origem dos pais ou responsáveis

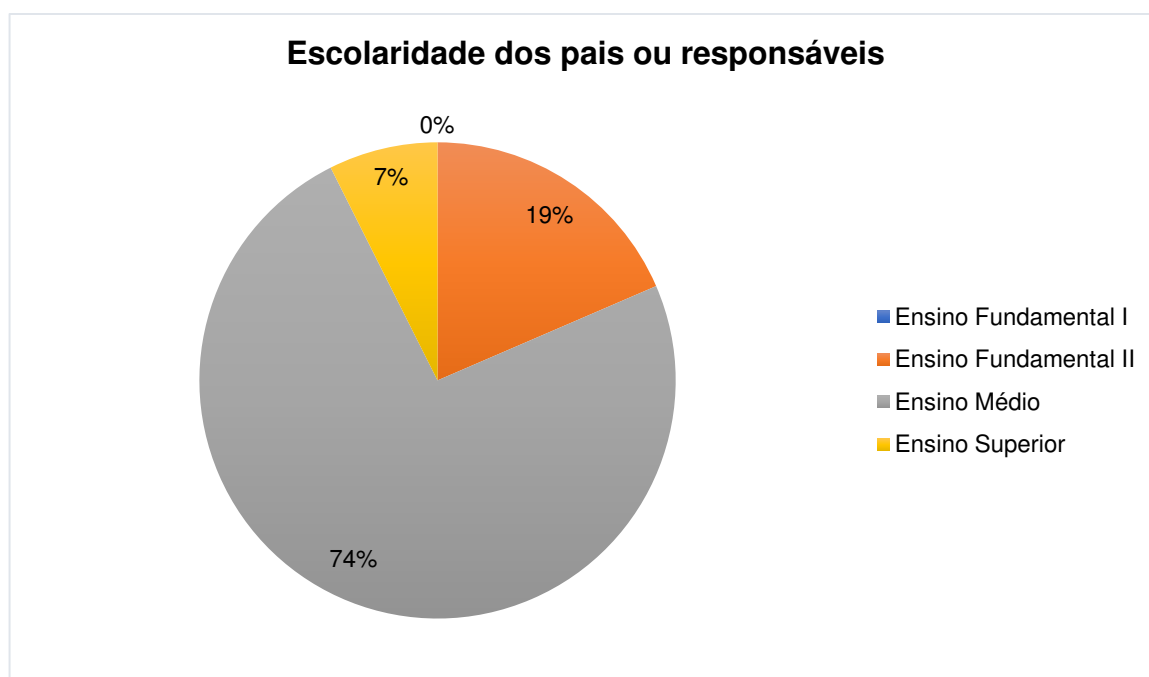


Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme apresentado no gráfico, é possível analisar que em suma maioria os sujeitos são de origem do meio urbano, embora o número das pessoas das áreas rurais seja bem significativo. Em porcentagem temos, 78% dos pais dos alunos possuem suas origens das zonas urbanas e 22% são da zona rural. Dessa forma, analisando estes dados é possível ter uma visão mais ampla da realidade linguística de cada aluno, sabendo-se que os pais ou responsáveis, como também o lugar de origem e formação, exercem papel fundamental na fala das pessoas. Esta relação entre língua/sociedade constitui a identidade da sociedade.

Para Bortoni-Ricardo (2005, p. 92) sobre a migração rural no Brasil “A vida e a cultura neste país foram profundamente alteradas no século XX pelo fenômeno da mobilidade geográfica, que se tornou, por isso mesmo, objeto de especial interesse nas ciências humanas em geral”. Essa visão mostra a importância de estudarmos e investigar a origem dos alunos. Através dessas investigações é possível ter uma visão mais aprofundada da situação de cada aluno. Dessa forma, através da intensa urbanização do país, ocasionado primeiramente pela busca de melhor qualidade de vida e, melhores empregos os avanços ocorridos nas últimas décadas, levou a variedade exercer maior força na sociedade urbana que difere da rural, a segunda como são pontuados como uma linguagem inferior.

Gráfico 2 - Escolaridade dos pais ou responsáveis



Fonte: Elaborado pelos autores

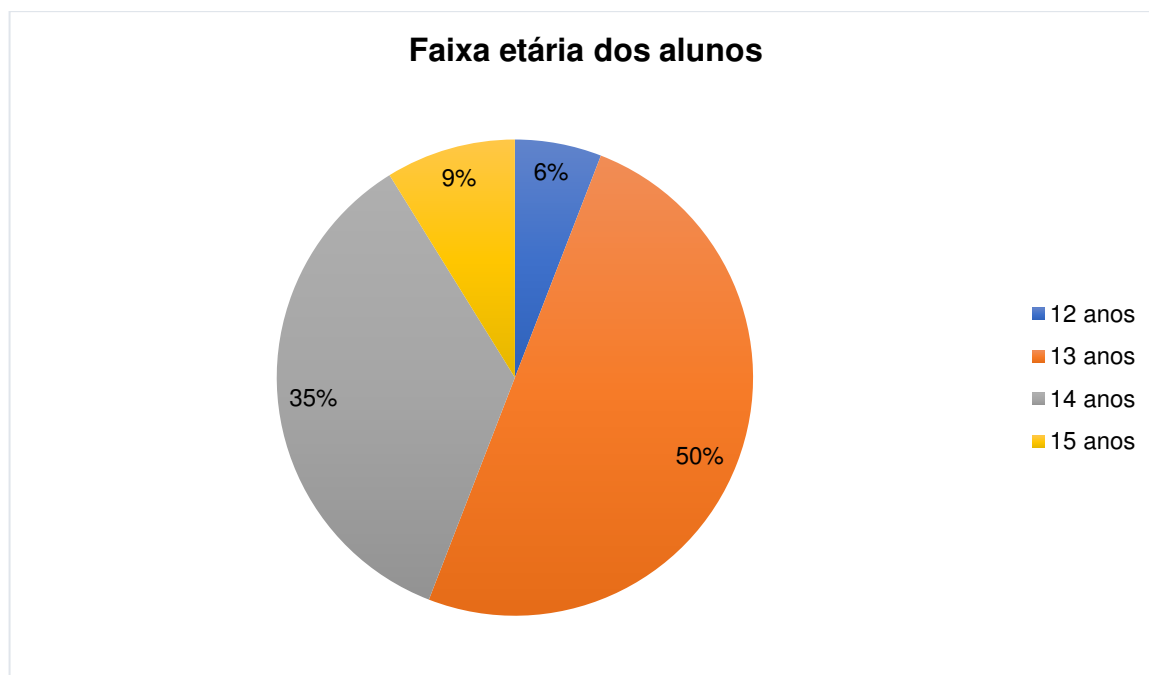
O gráfico apresentado foi construído a partir da LDB 9394/96 que estabelece que a educação no Brasil deve estar dividida em: Educação Básica e Ensino Superior. Portanto, é estabelecido que a educação básica é dividida em Educação Infantil, que abrange as idades de 0 a 3 anos nas creches, e para as idades de 4 a 5 já ingressando na pré-escola. O ensino fundamental abrange duas estruturas, os anos iniciais do 1º ao 5º ano e finais de 6º a 9º ano. O Ensino Médio, o antigo segundo grau, que possui do 1º ao 3º ano, e por seguinte temos o Ensino Superior para os alunos que concluíram o Ensino Médio.

O acesso a escolaridade é uma forma de constituir cidadania e estabelecer a inclusão de todas as camadas sociais no ambiente escolar, dessa forma, o cidadão terá acesso, como também garantia de uma educação que contemple até o ensino médio, nessa perspectiva, o acesso a este ensino garante ao cidadão o conhecimento cultural em que estabelece a unificação das variedades presentes no ensino escolar. Faraco (2008, p. 50) alerta que “O acesso a essa variedade seria, então, um principal fator de inclusão na cidadania já que correlacionado com a democratização da cultura escrita e com o exercício da fala nos grandes espaços públicos”.

O gráfico 2 descreve a situação no que tange a escolaridade dos pais ou responsáveis dos alunos. Constatamos que a divisão apresenta algumas vertentes que devem ser pontuadas para análise. Como podemos observar 74% dos pais possuem o ensino médio. 19% possuem o ensino fundamental II, 7% chegaram ao ensino superior e 0% não tem o ensino fundamental I. A primeira vista, destacamos o quão diversificado está a turma do 8 ano A da Escola Princesa Isabel.

Observando os dados obtidos, é possível contextualizar, que o nível de escolaridade dos pais ou responsáveis influencia em seu vocabulário, tendo em vista o local em que os alunos estão inseridos. Dessa forma, Bortoni-Ricardo (2005, p. 53) alerta que “Quando lidamos com alunos que têm acesso muito limitado à norma culta em seu ambiente social, temos de levar em conta a interferência das regras fonológicas e morfossintáticas de seu dialeto na aprendizagem do português padrão”.

Conforme a citação supracitada, destacamos que a forma de lidar com os “erros” dos alunos é fundamental na relação que vão estabelecer com a língua portuguesa. Dessa forma, é preciso que o professor considere o repertório que estes trazem da sua comunidade, promovendo relação de confiança com o uso da linguagem.

Gráfico 3 - Faixa etária dos alunos

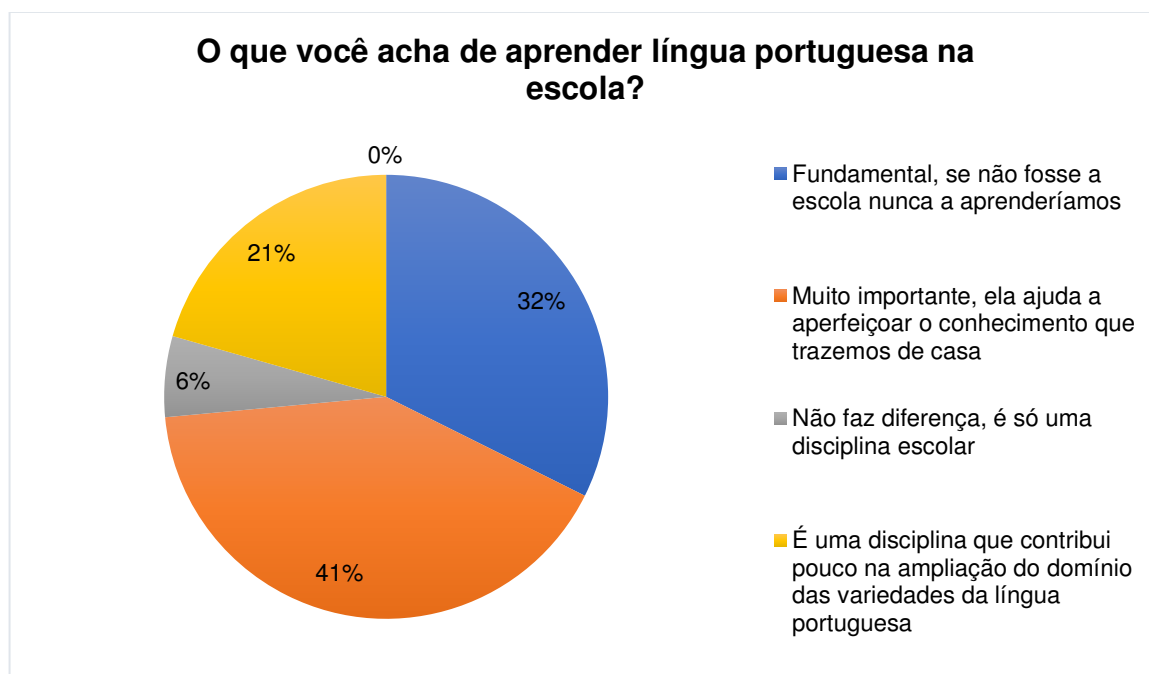
Fonte: Elaborado pelos autores

Outro aspecto importante que foi analisado é referente à idade/série, observando o gráfico acima, é possível destacar a disparidade das idades dos alunos, conforme destacado, o 8º ano do ensino fundamental devem estar alunos com 13 anos de idade. Observamos que a turma apresenta alunos entre 12 a 15 anos de idade, distribuídos da seguinte forma: 6% estão com 12 anos, 50% com 13 anos, 35% com 14 anos e 9% com 15 anos.

Podemos observar que do total de alunos pesquisados 50% estão em sua faixa etária adequada, como também é visível um desempenho eficaz na educação, apresentando 6% dos alunos com 12 anos, estes dados demonstram que a educação está em pleno desenvolvimento, em que os alunos demonstram uma aprendizagem mais produtiva. Porém, é preciso destacar que dos alunos pesquisados 9% ainda apresenta uma característica comum de muitas escolas, que é os alunos apresentarem atrasos em sua aprendizagem. É importante destacar que neste processo a família possui papel fundamental, principalmente pelas dificuldades socioeconômicas com pouca escolaridade, está por sua vez possui dificuldades em orientar a vida escolar dos filhos. Estes pontos são primordiais, e é através dela que podemos descrever a realidade linguística apresentada na fala de cada aluno.

Seguindo essa ótica, perguntamos aos alunos sobre o que eles acham de estudar língua portuguesa, e como eles veem a disciplina na grade curricular do ensino fundamental. O gráfico 4 descreve o pensamento dos alunos.

Gráfico 4 - A importância de estudar Língua Portuguesa na escola



Fonte: Elaborado pelos autores

No gráfico 4, podemos observar que para 6% dos alunos, não faz diferença aprender língua portuguesa na escola, 21% declaram que é uma disciplina que contribui pouco, 32% declaram ser uma disciplina fundamental, enquanto 41% acreditam que é uma disciplina muito importante, pois ajuda aperfeiçoar os conhecimentos que trazemos de casa. Neste primeiro momento, nota-se que para a maioria dos alunos da turma considera fundamental ou importante estudar a língua portuguesa na escola. Nota-se que a formação social e os conhecimentos linguísticos obtidos estão presentes na linguagem dos alunos. Bagno (2007) diz que:

O compromisso do educador é, antes, com a formação do aluno, com o desenvolvimento de suas capacidades tanto de reflexão sobre a linguagem quanto do uso crítico da língua. E na medida em que língua e linguagem são parte indissociável de nossa forma de ser e de viver, da história individual e coletiva de todos nós, a educação linguística não pode deixar de ocupar-se do maior número possível de suas facetas, em especial aquelas mais envolvidas na vida social (BAGNO, 2007, p. 15).

Portanto, é preciso que o professor reflita sobre as práticas de ensino de língua portuguesa, tendo em vista a compreensão dos fenômenos da língua. É preciso destacar que os alunos conhecem o processo de variação, dessa forma, durante as intervenções para a obtenção dos dados, é possível identificar que os próprios alunos conhecem que o léxico maranhense é diferente das demais regiões, em que, no Maranhão possui expressões únicas que compõem o vocabulário rico de cada indivíduo.

Dessa forma, tomamos a liberdade de perguntar aos alunos se eles acham que as pessoas do Maranhão falam diferentes em relação às pessoas de outras regiões.

As figuras a seguir demonstra de forma clara o posicionamento de cada um dos alunos sobre a pergunta:

Figura 1 - Depoimento do aluno A

5. Você acha que as pessoas do Maranhão falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:

a) sim

b) não

Porque em cada região há um sotaque diferente

“Sim, porque em cada região há um sotaque diferente”

Figura 2 - Depoimento do aluno B

5. Você acha que as pessoas do Maranhão falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:

a) sim

b) não

Sim, porque nós temos costumes e falas diferente

“Sim, porque nós temos costumes e falares diferentes”

Figura 3 - Depoimento do aluno C

5. Você acha que as pessoas do Maranhão falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:

a) sim

b) não

*todas cidades tem sotaques diferentes
como algumas cidades do maranhão é*

“Sim, todas cidades têm sotaques diferentes, como algumas cidades do Maranhão é”

Figura 4 - Depoimento do aluno D

5. Você acha que as pessoas do Maranhão falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:

a) sim

b) não

*por que toda região tem um sotaque
e jeito diferente de falar.*

“Porque toda região tem um sotaque e jeito diferente de falar”

Conforme os depoimentos apresentados, é possível perceber que os alunos já possuem conhecimento que a língua é viva e possui inúmeras formas de expressões e significados. Para exemplificar melhor, durante as intervenções utilizamos entre os vários exemplos apresentados a variação da “tangerina, tanja, bergamota, mexerica, mimosa e poncã”, foi uma temática muito proveitosa e foi possível despertar o lúdico e interesse de cada aluno.

2º MOMENTO: AULA E ANÁLISE DOS QUESTIONÁRIOS

Após os dados iniciais, partimos para o segundo momento da pesquisa. Dessa forma, foi possível observar nuances importantes na sala de aula, em que, a escola, muitas das vezes não reconhece as variedades linguística presente no ambiente escolar, estes fatores, devem-se principalmente, pela ideia plantada de que existe somente uma forma de falar, em que, obriga os alunos a obedecer às regras gramaticais. Segundo Travaglia:

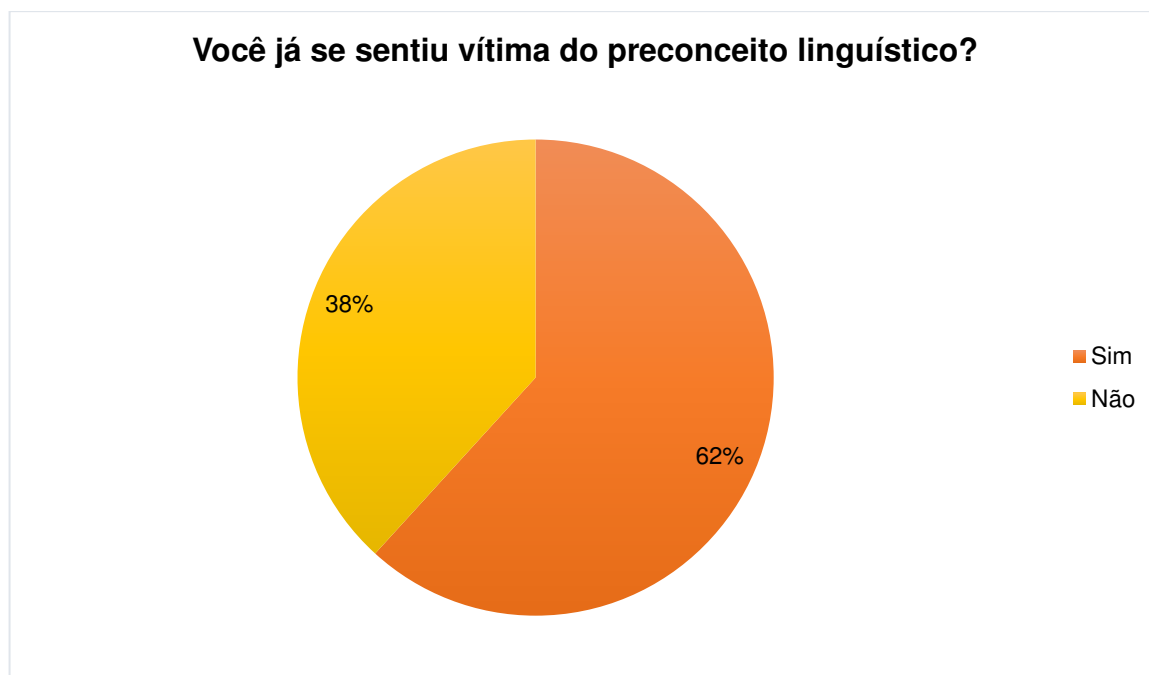
A gramática normativa é uma espécie de lei que regula o uso da língua na sociedade. A parte de descrição da norma culta e padrão não se transforma em regra de gramática até que seja dito que a língua só é daquela forma, só podem aparecer e ser usada naquela forma. É preciso, pois, separar a descrição que se faz da norma culta da língua, que é apenas gramática descritiva de uma variedade da língua (TRAVAGLIA, 2009, p. 31).

Dessa forma, o ambiente escolar prioriza o ensino da gramática, em que, ela se mantém detentora do prestígio, ou seja, sendo mais usada na escola. Nessa perspectiva, o conhecimento sobre a estrutura da língua fica à mercê das regras gramaticais, e assim, desenvolve-se o pensamento de que o “brasileiro não sabe falar português”, sendo que todo falante de sua língua nativa sabe seu idioma. De tal forma:

A variação existente na Língua Portuguesa é tamanha que, por diversos fatores, torna-se normal, pois o português é falado por mais de 200 milhões de pessoas e também em mais de oito países, vale ressaltarmos que o Brasil é um país de extensão territorial muito grande, com diferentes realidades, contudo a língua oficial possui uma unidade, o que torna compreensível para todos, e é formalizado seu ensino através de materiais e diretrizes, tornando possível sua unicidade quanto à análise. (ALVES e DENARDIN, 2019, p. 3).

É evidente que a sala de aula deve atender as necessidades quanto ao ensino da língua, isso não significa abandonar o ensino de gramática tradicional, mas sim estimular os docentes a necessidade de trabalhar essas duas temáticas em conjunto.

Dessa forma, o gráfico a seguir mostra quão grave está a situação referente ao preconceito linguístico e, este problema afeta diretamente na aprendizagem dos alunos.

Gráfico 5 - Percentual de alunos vítimas de preconceito linguístico

Fonte: Elaborado pelos autores

O gráfico acima vai ao encontro de muitas pesquisas do campo da linguística, como também, demonstra a situação pedagógica das escolas brasileiras. O preconceito linguístico revela uma deficiência no âmbito educacional, visto que, não é discutido e nem trabalhado em sala de aula essas questões:

Sobre o preconceito linguístico Gomes (2009) afirma que:

Esse preconceito é fruto de uma história de prescrição da gramática normativa, que nos acostumou a achar que toda forma diferente das regras gramaticais contidas nos livros que estudamos são “erradas”. É fruto de uma tradição de tratamento da língua como sistema rígido de leis a serem cumpridas, e que aquele que não as cumprir é “julgado e condenado” por isso (GOMES, 2009, p. 76).

Portanto, analisando o gráfico acima, podemos observar que do total de alunos pesquisados 62% dos alunos declaram que já foram vítimas de preconceito linguístico, enquanto 38% relataram que nunca foram vítimas de preconceito. É importante destacar, que os alunos que declararam nunca ter sido vítimas de preconceito linguístico, durante as aulas em muitos dos casos assumiram que já passaram por alguma situação desconfortante relacionada. Estes números apresentam somente uma pequena parcela da enorme quantidade que já passam por essa situação.

Contudo, através de uma visão mais geral, a sociedade brasileira já nasce com uma educação enraizada de um mito em alcançar a norma padrão, em que, esses fatores mantêm distante a realidade da língua falada. Dessa forma, Silva destaca que:

Muitas vezes alunos com excelente potencial são excluídos do sistema educacional devido ao fato de sua fala desviar da norma prescritiva. A exclusão às vezes ocorre na mesma região geográfica sendo que educador e educando compartilham de variedades linguísticas diferentes e até mesmo problemas de inteligibilidade podem surgir (SILVA, 2015, p. 21).

Neste sentido, os alunos já são julgados pela sua forma de falar na escola, em que, as diversidades deveriam ser compreendidas e respeitadas, isso pode desestimular o aluno a desenvolver as competências e habilidades por timidez ou vergonha em se comunicar na sala de aula ou na comunidade, e ser estigmatizado por não ser interpretado e penalizado.

Após o relato de cada aluno no questionário, foi indagado também sobre as expressões que os alunos costumam utilizar, dessa forma, podemos pontuar que o aparato linguístico de cada alunos é bem desenvolvido, tendo em vista as inúmeras expressões que foram coletadas. Com base na obra *Maranhão na ponta da língua palavras e expressões maranhenses*, de José Neres e Lindalva Barros (2011), foi possível classificar as lexias e as significações das palavras. Dessa forma, o quadro a seguir destaca algumas formas lexicais que os alunos usam em seu cotidiano e seu significado com base na obra citada, tais como:

Quadro 3 - Distribuição das expressões identificadas nas falas dos alunos e seus conceitos

Aluno	Expressão	Conceito
I	“Afobado/a”	Pessoa muito apressada, que toma atitudes quase sem pensar.
II	“Agoniado/a”	Bastante atarefado, cheio de afazeres, sem tempo para nada.
III	“Aziado/a”	Pessoa desestimulada, chateada com alguma situação ou tida com sem graça pelos demais.
IV	“Baqueado/a”	Sinônimo de cansado. Sem forças. Exaurido.
V	“Bregueço”	Objetos sem muita importância. Trates. Bagulho.
VI	“Cofó”	Espécie de cesto feito de palha trançada.
VII	“Éguas”	Palavra interjetiva que serve para indicar espanto, podendo também ser utilizada em diversos contextos.
VIII	“Enxerido/a”	Pessoa que em o costume de se meter nos assuntos alheios.
IX	“Esparroso/a”	Algo escandaloso, que chama a atenção, que não é discreto.
X	“Estrovar”	Ato de amarrar o anzol na linha de pesca.
XI	“Fazer arte”	Fazer travessura. Meter-se em confusão.

Fonte: Elaborado pelos autores

Podemos observar nestas lexias processos semânticos que visa identificar a fala do maranhense em seu dia a dia, demonstrando que a língua vai muito além da escrita e, que ela rege de forma natural e viva. Durante a análise desses dados, o professor juntamente com as demais camadas da instituição escolar deve entender este cenário linguístico, pois, os exemplos lexicais citados refletem uma história, refletem a formação que cada aluno teve, e isso faz parte da identidade social de cada sujeito.

Dessa forma, tomamos a iniciativa de saber como os alunos se sentem sobre serem vítimas de preconceito. A seguir, é apresentado alguns depoimentos de alunos vítimas de preconceito linguístico:

Figura 5 - Depoimento do aluno E

10. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

sim, me corrigem em público

“Sim, me corrigem em público”

Figura 6 - Depoimento do aluno F

10. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

sim, várias vezes como meus pais eles me corrigem e na roda de amigos

“Sim, várias vezes como meus pais eles me corrigem e na roda de amigos”

Neste depoimento é possível identificar algumas questões, a primeira pela ação dos pais, a família é fundamental no processo de formação e ensino aprendizagem dos filhos, neste caso, é importante que haja uma conscientização, como também a participação da instituição escolar. E por último temos a roda de amigos, em que, as amizades influenciam bastante neste processo.

Figura 7 - Depoimento do aluno G

10. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

Sim muitas vezes pois meus amigos mim corrigem o tempo todo até que não estou certo

“Sim, muitas vezes pois meus amigos mim corrigem o tempo todo até quando estou certo”

Figura 8 - Depoimento do aluno H

10. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

Sim Eu fiquei com vergonha

“Sim, eu fiquei com vergonha”

Figura 9 - Depoimento do aluno I

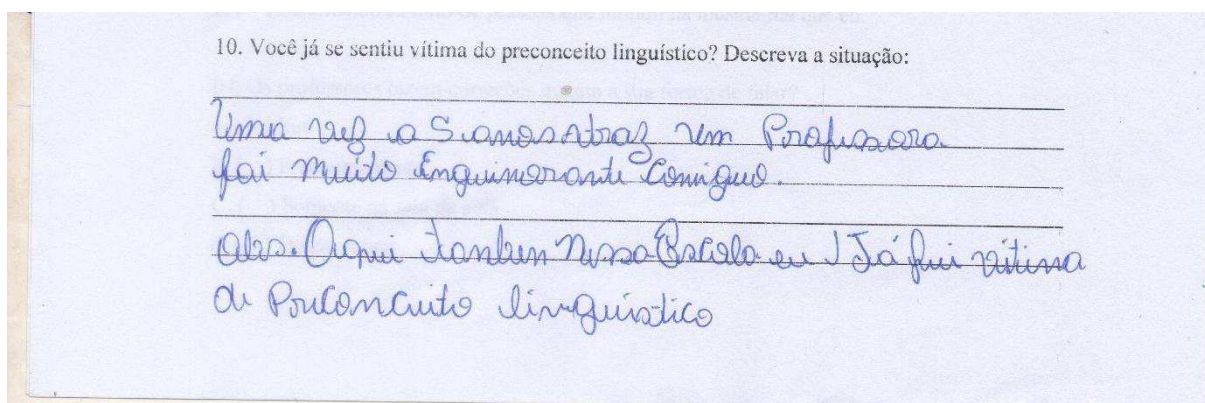
10. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

Sim, eu me senti burro e incapaz

“Sim, eu me senti burro e incapaz”

Este aluno apresenta uma situação mais séria, onde o aluno se sentiu rebaixado, este problema poderá afetar seu desempenho na escola, principalmente quando for falar em público. As expressões “burro” e “incapaz” representam um pensamento negativo referente ao interesse escolar, é fato que o professor, a escola como também a família deve conhecer essa realidade que muitos alunos passam.

Figura 10 - Depoimento do aluno J



“Uma vez a 5 anos atrás uma professora foi muito ignorante comigo”

“Obs. Aqui também nessa escola eu já fui vítima de preconceito linguístico”

Aqui temos uma situação que reflete não somente o ato do preconceito linguístico, como também o posicionamento dos professores com o ato de ensinar. Ensinar não é somente passar vários conteúdos em sala de aula, mas sim, uma entrega, um trabalho realizado por amor a profissão é abraçar e entender que a pessoa que está sentada na cadeira não é somente um aluno, mas, uma parte de cada um de nós seres humanos.

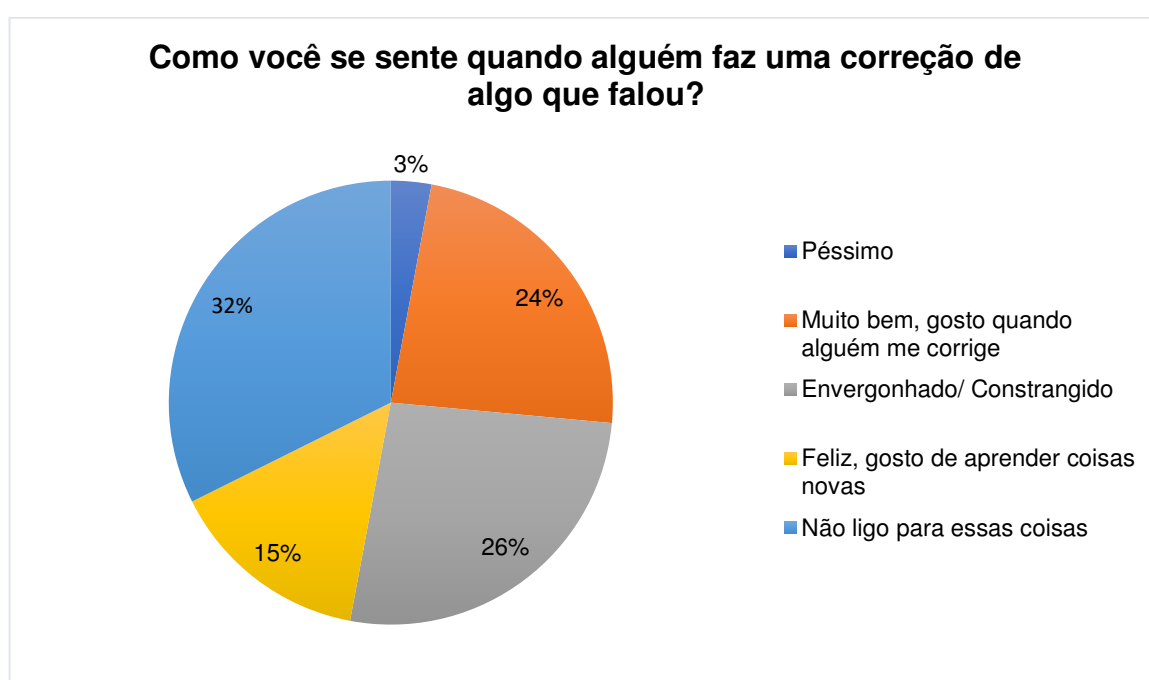
Muitas escolas passam por situações como essa, principalmente por ter professores sem compromisso com a profissão ou por falta de suporte da escola. E estes depoimentos refletem vários posicionamentos não somente da escola, como também do próprio professor. Bagno (2005) destaca:

Mas o preconceito, como bem sabemos, impregnam-se de tal maneira na mentalidade das pessoas que as atitudes preconceituosas se tornam parte integrante do nosso próprio modo de ser e de estar no mundo. É necessário um trabalho lento, contínuo e profundo de conscientização para que se comece a desmascarar os mecanismos perversos que compõem a mitologia do preconceito (BAGNO, 2005, p. 75).

Nessa perspectiva, nossa atitude enquanto educadores que recebemos em salas de aula alunos falantes de classes sociais diferentes, espaços geográficos e situações socioeconômicas diferentes, a promover e desenvolver uma educação mais harmoniosa, ou seja, que respeite as diferenças na escola e na sociedade.

Dessa forma, levando em consideração o perfil dos alunos em sala de aula e seu posicionamento na sociedade, o quadro a seguir demonstra como os alunos da turma do 8º ano sentem-se ao serem corrigidos por algo que falaram.

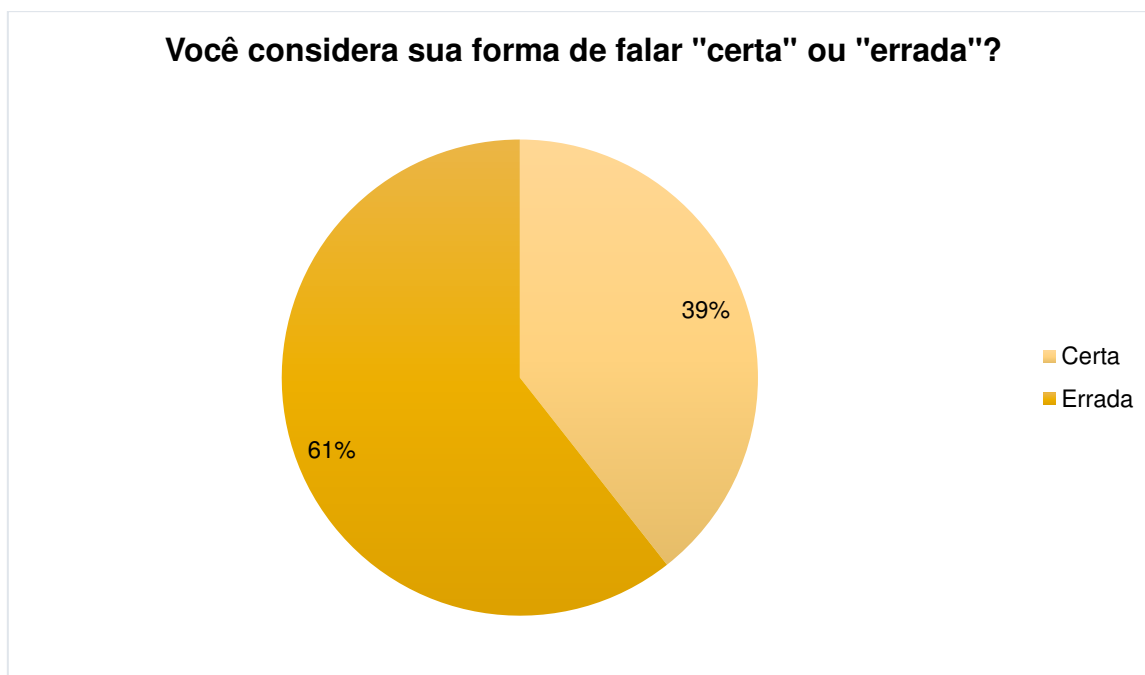
Gráfico 6 - Como os alunos se sentem ao serem corrigidos



Fonte: Elaborado pelos autores

Em relação ao Gráfico 6; 3% dos alunos declaram que se sentem péssimos, 24% afirmam que se sentem bem quando corrigidos, 26% declaram que ficam envergonhados, 15% confirmam que ficam felizes e gostam de aprender, 32% declaram não ligar para essas coisas. Durante a coleta de dados, podemos perceber que os 32% dos alunos que passam ou passaram por situações de correções se sentiram de certa forma atingidos, estes optaram por não se importar com as formas de comportamentos dos meios sociais.

No gráfico a seguir, podemos analisar a percepção dos alunos quanto a sua forma de falar, lembrando que estes dados levam em consideração a reflexão gramatical de cada aluno.

Gráfico 7 - Percepção dos alunos quanto a sua forma de falar

Fonte: Elaborado pelos autores

Conforme apresentado no gráfico, 61% dos alunos declaram que “falam” errado, enquanto 39% reconhecem que “falam” da forma certa. À primeira vista parece ser uma percepção simples, porém, demonstra claramente o posicionamento dos indivíduos quanto ao reconhecimento de seu próprio vocabulário. Outro fator importante, algo também que é comum na fala de muitos alunos, é a visão de que estudar português é muito difícil, sendo que todo o falante nativo de sua língua sabe seu idioma oficial, tendo em vista as inúmeras formas que a língua pode assumir. É claro que todo idioma possui sua gramática, tendo em vista que ela rege regras que devem ser estabelecidas na escrita de todos os seus usuários.

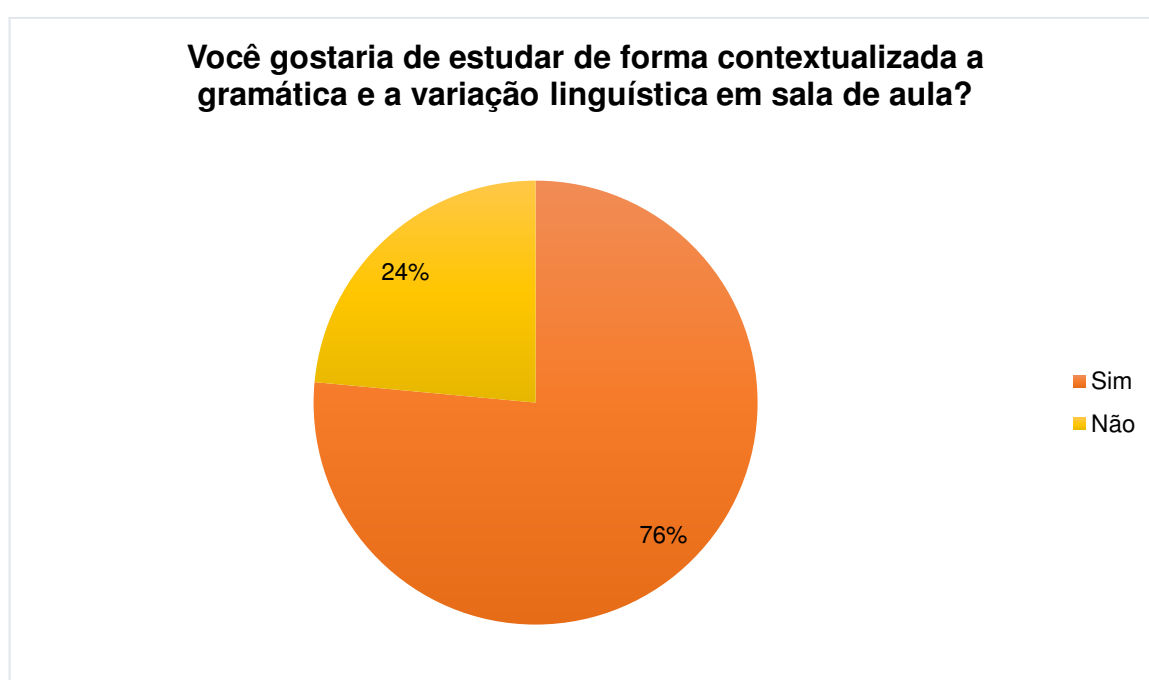
O reconhecimento de que falamos de forma, mesmo entendendo os níveis de variação e situações linguísticas que as pessoas podem estar é um fator importante a ser notado, em que, na escola é ensinado que existe somente uma forma de falar corretamente e, neste sentido, é esquecido que a língua é viva e pode assumir diferentes tonalidades.

Há exemplos do que difere do ato da escrita e da fala. Na escrita vai ser preservado o respeito às regras gramaticais, enquanto a fala, o professor e a instituição escolar devem reconhecer essas duas vertentes.

Dessa forma, o ensino de gramática normativa, que é muito importante para o ensino, deve ser trabalhado de forma contextualizada, tendo em vista, o respeito pela formação de cada aluno.

Após analisar cada uma das questões apresentadas, perguntamos aos alunos se eles gostariam de estudar a Língua Portuguesa e a Variação Linguística⁷ de forma contextualizada, ou seja, juntas. O gráfico a seguir, mostra os interesses dos alunos quanto a essa nova abordagem de ensino.

Gráfico 8 - Sobre estudar gramática e variação linguística em sala de aula



Fonte: Elaborado pelos autores

O gráfico acima demonstra o interesse dos alunos por estudar de uma forma mais contextualizada o ensino da gramática e variação linguística. Vale ressaltar que durante os 15 dias na escola destacamos essa vertente para despertar a curiosidade dos alunos. O resultado é bastante interesse por parte dos alunos, em que, todos da sala estavam desfrutando de novos conteúdos. É sempre importante uma boa metodologia, pois, é através dela que é despertado o interesse dos alunos.

⁷ É importante destacar que essas duas vertentes requerem cautela e aprofundamento por parte dos docentes, tendo em vista que o Ensino Fundamental, muitas das vezes, prioriza o ensino de gramática normativa.

Dos alunos entrevistados, 76% demonstraram um grande interesse por estudar através de novas perspectivas, 24% disseram que não, vale ressaltar que estes alunos ainda estavam se adaptando a esta nova forma de ensino.

3º MOMENTO: LEITURA E ANÁLISE DO POEMA “VÍCIO NA FALA”, DE OSWALD DE ANDRADE

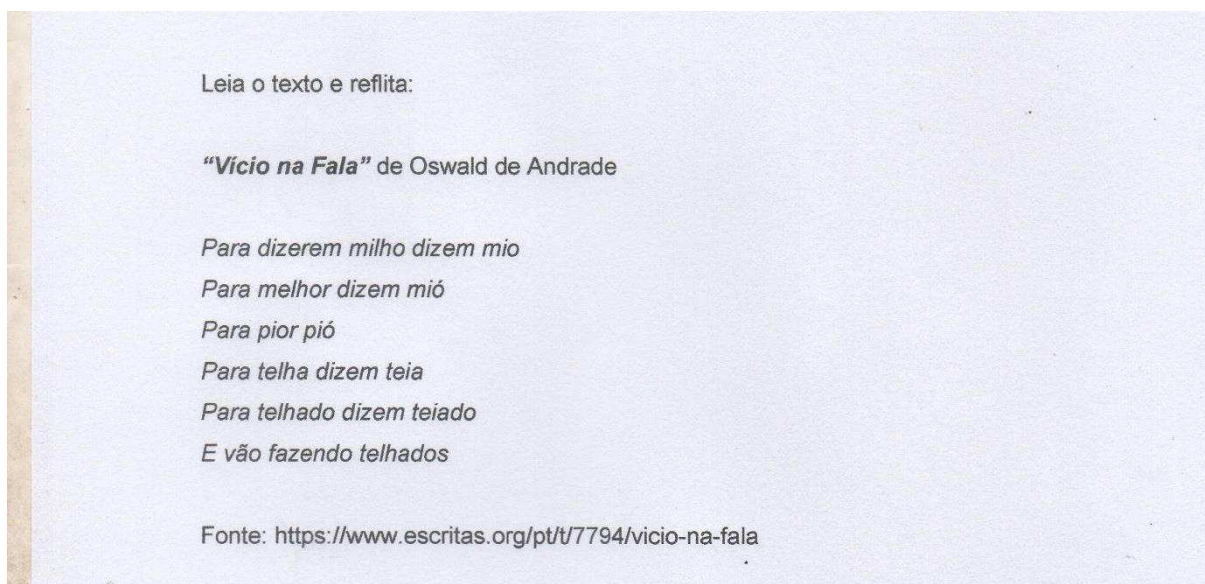
No penúltimo dia na sala de aula, propomos, juntamente do terceiro questionário, uma atividade lúdica, em que, o objetivo era testar os conhecimentos obtidos pelos alunos. O poema “**vício na fala**” do autor Oswald de Andrade, retrata bem o cenário do português brasileiro, ou seja, “os muitos falares que existem”.

A leitura do poema foi dividida em dois blocos, o primeiro destinado a prática de leitura coletiva e debate em sala de aula. É importante destacar que foi um momento bastante divertido, conhecendo palavras como mió, teiado, pió. Essa temática é bastante importante, pois, o estigma do preconceito linguístico é diminuído, e os alunos conhecem ainda mais o processo fundamental de sua identidade social.

Após a leitura, fizemos uma sondagem com perguntas exploratórias, para ampliar ainda mais seus conhecimentos sobre a variação linguística. Os questionamentos foram:

- Análise literária do poema;
- Identificar as variações presentes no texto;
- Conceituar os termos identificados;
- Se acham certo rir da variação na fala;

Figura 11 - Poema *Vício na Fala* de Oswald de Andrade



A primeira temática, relacionada à análise literária foi desenvolvida com êxito, tendo a participação de todos da sala, constatamos que todos os alunos envolvidos na atividade percebiam a variação, porém, ao apontar as variações, identificamos que 85% dos alunos conseguiram identificar as variações linguísticas no texto, 15% não conseguiram identificar todas as palavras.

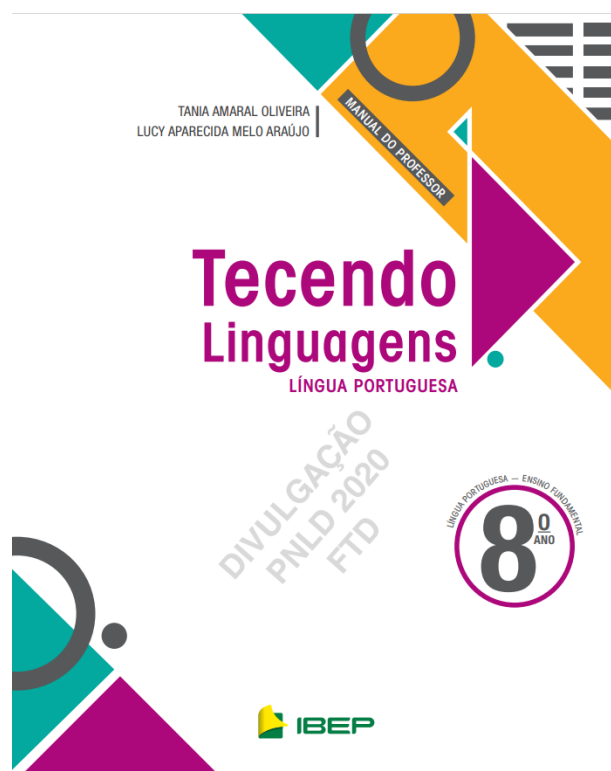
O que podemos concluir foi de um desenvolvimento satisfatório, tendo em vista os primeiros contatos com essas temáticas, essa atividade levou os alunos a novas reflexões sobre a variação, principalmente do ponto de vista regional. Bortoni-Ricardo (2005) diz que: “Da perspectiva de uma pedagogia culturalmente sensível, podemos dizer que, diante da realização de uma regra não padrão pelo aluno, a estratégia do professor deve incluir dois componentes: a identificação e a inclusão da diferença” (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 196).

Sob essa perspectiva da escola, o preconceito linguístico tende a diminuir na sociedade, pois, dessa forma a escola e o professor promoverão o papel de agente da transformação, em que, enquanto apresenta a norma padrão, promove assim reflexões sobre os diferentes falares que contém na escola e na sociedade. A partir do desenvolvimento das atividades, buscamos através da análise dos dados apresentar de maneira sucinta o quão diversificado é o ambiente escolar, e como cada um dos sujeitos devem se portar diante do diferente.

5.1 A variação linguística no livro didático adotado pela escola pesquisada

De forma geral, o livro didático é uma importante ferramenta para o professor, pois, é através dele que a escola e o professor vão poder construir seu material pedagógico para apresentar aos alunos. Dessa forma, é preciso que o educador oportunize/explore novos horizontes de informações para desenvolver seu conteúdo em sala de aula.

Figura 12 - Livro didático adotado pela escola



Fonte: Disponível no portal da Editora IBEP

O livro *Tecendo Linguagens de Língua Portuguesa* de TANIA AMARAL OLIVEIRA e LUCY APARECIDA MELO ARAÚJO, da editora IBEP. É composto por: Gramática, estudos da linguagem, literatura, variação linguística, práticas de leitura e produção textual.

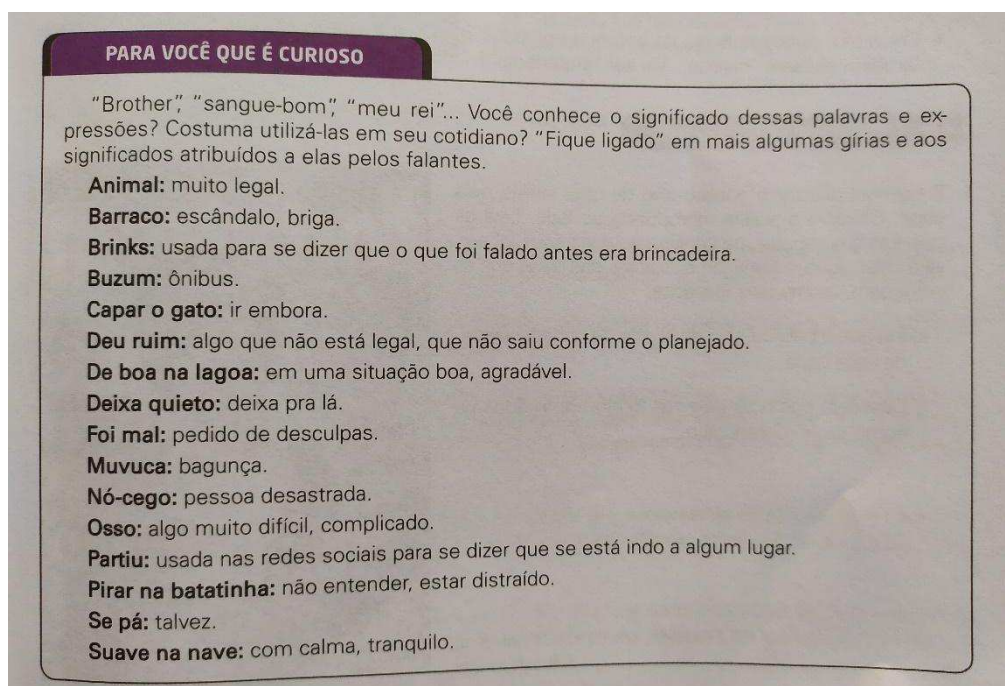
Durante os primeiros dias da coleta de dados, foi possível identificar que os alunos demonstram uma aptidão aos conhecimentos gramaticais, porém, é possível perceber que há disparidade no ensino da variação linguística e sua manifestação na sociedade. Vale ressaltar, que durante a aplicação do projeto, os alunos foram

confrontados com o seguinte questionamento: “O que é preconceito linguístico?” Como também a exposição de exemplos que demonstram esse fenômeno.

Sobre o livro, os conteúdos tanto literários, gramaticais e produção textual trazem um conteúdo bem fundamentado, proporcionando um melhor aprofundamento nos conhecimentos teóricos dos fenômenos linguísticos. Porém, durante a análise do livro didático, é possível observar certa priorização aos conhecimentos da norma culta, tendo em vista a disparidade nos conteúdos. A gramática normativa se faz presente nos conteúdos de análise sintática, valorizando a construção mais formal da língua.

Os conteúdos de variação linguística são pouco explorados, e estão mais presentes em exemplos como; textos de práticas de leitura envolvendo situações cotidianas, poemas e exemplos breves utilizados para resolução de exercícios. O Exemplo a seguir demonstra essa situação:

Figura 13 - Exemplo de variação linguística no livro didático



Fonte: Oliveira e Araújo. Tecendo Linguagens: Língua Portuguesa - 8º ano - p. 37

Neste cenário, o aluno terá pouco contato com exemplos de situação de uso da língua. Portanto, a abordagem do livro didático apresenta pouco conteúdos referentes ao estudo da língua, priorizando os estudos da norma da língua portuguesa. Sob essa ótica, o aluno pensará que existe somente uma forma correta

de falar, tendo em vista o material escolar utilizado. Estas questões precisam ser analisadas de maneira mais reflexiva, para que o aluno elimine o pensamento de que *português é ruim e que não sabem falar português* sendo que todo nativo de sua língua sabe seu respectivo idioma.

Dessa forma, o ambiente escolar é um espaço de reflexão, em que, é preciso que o aluno tenha a oportunidade de ser entendido, e aceite suas diferenças. É preciso que os professores, peças importantes no processo pedagógico, não tenham medo de incluir temas que enfatizam o cotidiano dos alunos, são fatores interessantes, pois, conhecemos assim a realidade linguística de cada aluno.

É importante destacar, que quando indagávamos os alunos, se eles conheciam pessoas com características diferentes, que falavam ou falam diferentes, os alunos sempre refletiam e relatavam acontecimentos de suas vidas, a exemplo, um aluno, que morava em Mato Grosso, relatou que assim que chegou na Cidade de Zé Doca – MA, falou que as pessoas falam “esquisito”. Existem várias situações como essa, e é importante que cada um conheça. Como apresentado anteriormente: “Não existe erro de português. Existem diferenças de uso ou alternativas de uso em relação à regra única proposta pela gramática” (BAGNO, 2005, p. 142).

Portanto, as análises deste trabalho levaram a concluir que os alunos envolvidos nesta pesquisa, demonstraram capacidade de entender e refletir sobre a variação linguística. Dessa forma, concluímos que trabalhar variação linguística na escola pode desenvolver ainda mais as competências e habilidades dos alunos, contribuindo assim para novas reflexões. A instituição escolar, o professor e principalmente a família devem guiar os alunos para essas questões, para assim entenderem o processo de variação. Este trabalho não só serviu de estudo, mas como objeto de conhecimento.

Dessa forma, é preciso valorizar a língua materna no ambiente escolar, em que, será possível ter novas reflexões, e principalmente novos conhecimentos adquiridos, entre a norma padrão.

6 CONCLUSÃO

Trabalhar com variação linguística requer uma complexidade de conhecimentos fundamentais para o seu desenvolvimento. Durante as intervenções na sala de aula, como também no processo de construção e análise deste estudo, foi possível identificar o quão necessário se faz nas escolas o trabalho destinado a valorização da língua. São trabalhos como este que fazem a instituição escolar refletir sobre suas metodologias de ensino. Portanto, a sociolinguística variacionista torna-se uma ferramenta fundamental nos embasamentos das ações didáticas, para que se possa valorizar as riquezas que a Língua Portuguesa possui.

Diante da realidade do ensino da variedade linguística nas escolas é possível identificar que o professor desempenha papel fundamental e inigualável na vida dos alunos, de modo que o ensino da língua materna deve ser trabalhado visando valorizar sem criticar, apresentando assim o fazer pedagógico de forma casada a viabilizar o sucesso da aprendizagem e o processo de ensino.

Por meio de aplicação e desenvolvimento dessa pesquisa através de questionários e aulas contextualizadas, constata-se que é possível identificar o distanciamento da prática educacional que apresenta a norma culta oral e escrita da realidade dos alunos, isso se apresenta por diversas situações vivenciadas no cotidiano dos alunos, entre elas, o contexto social que inclui relações parentais e as condições econômicas dos alunos, dificultando assim fixação do conteúdo. Contudo, observa-se ainda que o trabalho com a variação linguística possibilita a quebra de preconceitos existentes.

Mesmo que o educador esteja ciente que para a construção do ensino de forma eficiente, objetiva e de sucesso é preciso a compreensão do conteúdo, a norma culta padrão ainda é um grande desafio a ser vencido, visto que, ainda parece ser um grande problema a ser dominado pelos mais diferentes tipos de alunos, assim como o preconceito linguístico presente diariamente em nossas escolas e efetuado pelas mais diversas faixas etárias.

No entanto, compreende-se que, com o avanço das tecnologias, o ensino da gramática normativa tem se tornado cada vez mais desafiador e que apesar das tentativas de repasses do professor para aluno nem sempre é eficiente. A língua por ser um conjunto de variedades que se modificam cotidianamente, tornando o desafio ainda maior. Diante disso, constata-se que atividades lúdicas que chamem a atenção, atividades planejadas e adaptadas que permitam a extensão do processo de ensino

e aprendizagem que desenvolvam o respeito das diversidades linguísticas existentes dentro e fora da sala de aula possibilitam resultados significantes que se amplificarão por toda a vida.

A experiência mostrou que o trabalho com a variação linguística com foco no combate ao preconceito linguístico apresentou resultado eficaz, diante da proposta metodológica do ensino de língua portuguesa. Fazendo uma reflexão, as aulas de Língua Portuguesa jamais poderiam estar unicamente ligadas ao ensino de Gramática Normativa, mas, como já destacamos, devem contemplar os estudos da sociolinguística que estão intimamente ligadas ao contexto sócio-histórico. Dessa forma, a norma culta deve ser apresentada como uma variação presente na língua.

É importante destacar que o problema não está na Gramática e sim como é direcionada nas práticas pedagógicas do ambiente escolar. Como afirma Cagliari (2009, p. 06) “toda a consciência que a criança tem da linguagem se deturpa quando chega à escola [...]”. É necessário que a escola repense no tocante ao ensino da língua materna. Dessa forma, defendemos uma mudança nas práticas metodológicas nas aulas de Língua Portuguesa, em que, essa mudança de forma tímida dá seus primeiros passos na busca por uma melhor educação linguística, levando os sujeitos envolvidos a reflexões.

Com o resultado dessas intervenções, conclui-se que adotar práticas pedagógicas eficientes que visem o combate e a prevenção do preconceito linguístico dentro e fora da sala de aula contribui para o ensino da língua portuguesa, tendo em vista a valorização da diversidade linguística que é característico das diferentes regiões geográficas de nosso país.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Bianca Bruna; DENARDIN, Elizangela Renata Tomaz. A variação linguística e a sala de aula: um processo de desconstrução de conceitos e preconceitos estabelecidos **Revista de Educação do Vale do Arinos**, Juara, v. 6, n. 1, p. 61-71, jun. 2019. Disponível em:
<<https://periodicos.unemat.br/index.php/relva/article/view/3767>.> Acesso em: 09 novembro de 2022.
- ANTUNES I. **Língua, texto e ensino**: outra escola possível. São Paulo: Parábola Editorial; 2009.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. São Paulo: Loyola, 1999.
- BAGNO, Marcos. **Português ou brasileiro? Um convite à pesquisa**. São Paulo. Parábola Editorial, 2001.
- BAGNO, Marcos. **A norma oculta & poder na sociedade brasileira**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. **NADA na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola, 2007.
- BECHARA, Evanildo. **Ensino da Gramática**. Opressão? Liberdade? São Paulo. Editora Ática S.A, 1995.
- BECHARA, Evanildo. **Dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2011
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós chegamos na escola e agora? Sociolinguística e educação**. São Paulo. Parábola, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Brasília: MEC, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. **Orientações Curriculares para o Ensino Médio: Linguagem, Códigos e suas Tecnologias**. Brasília: MEC, 2006.
- CAGLIARI, L. C. **Alfabetização e linguística**. São Paulo: Scipione, 2009.
- CÂMARA JR., J. M. **História e estrutura da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.

- CARDOSO, Suzana & MOTA, Jacyra (Orgs.). **Documentos 2. Projeto Atlas Linguístico do Brasil**. 1ª ed. Salvador: Quarteto Editora. 2006.
- DIONISIO, Angela Paiva. Variedades Linguísticas: avanços e entraves. In:_____. **O livro didático de português: múltiplos olhares**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 75-88.
- FIORIN, José Luiz. **Introdução à Linguística I**. Objetos teóricos. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.
- GOMES, Maria Lúcia Castro. **Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa**. São Paulo. Saraiva, 2009.
- KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Coesão Textual: Mecanismos de Constituição Textual, a Organização do Texto, Fenômenos de Linguagem**. São Paulo: Contexto, 2005.
- MARTELOTA, Eduardo Mário. **Manual de linguística**. São Paulo: Contexto, 2012.
- MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto; Salvador: EDUFBA, 1995.
- OLIVEIRA, Tania Amaral; ARAÚJO, Lucy Aparecida Melo. **Tecendo linguagens: Língua Portuguesa**. 5 Ed. ed. Barueri [SP]: IBEP, 2018.
- RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. **Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas brasileiras**. São Paulo: Loyola, 1986.
- ROSA, Maria Carlota. **Línguas bárbaras e peregrinas do Novo Mundo segundo os gramáticos jesuítas: uma concepção de universalidade no estudo de línguas estrangeiras**. IN: Revista de Estudos Linguísticos de Belo Horizonte, vol.6, n. 2, p.97-149, jul./dez.1997.
- SILVA, Thaís Cristófaró. **Fonética e fonologia do português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2015.
- SOARES, Magda. Abralín. **Alfabetização e Letramento**. YouTube, 31 de jul. de 2020. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=UnkEuHpxJPs&t=350s>>. Acesso em 19 out. 2022.
- TEYSSIER, Paul. **História da Língua Portuguesa**. Celso Cunha (Trad.). São Paulo: Editora Martins Fontes, 1997.
- TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino de gramática**. 14 ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ANEXOS

1º Questionário

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

1ª Questionário (levantamento de dados para a pesquisa)

Série e Turma: _____

Idade: _____

Sexo: () Feminino () Masculino

1. Origem dos pais ou responsáveis.

a) () Rural

b) () Urbana

2. Escolaridade dos pais ou responsáveis.

a) () Fundamental I

b) () Fundamental II

c) () Ensino Médio

3. Você considera sua forma de falar "certa" ou "errada"? Por quê?

4. O que você acha de aprender língua portuguesa na escola?

a. () Fundamental, se não fosse a escola nunca a aprenderíamos

b. () Muito importante, ela ajuda a aperfeiçoar o conhecimento que trazemos de casa

c. () Não faz diferença, é só uma disciplina escolar

d. () É uma disciplina que contribui pouco na ampliação do domínio das variedades da língua

portuguesa

e. () Desperdício de tempo, pois dominamos a língua portuguesa por se nossa língua materna

5. De que modo você entende o que seus colegas falam?

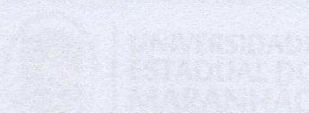
a. () Facilmente

b. () Entendo tudo, pois sei falar muito bem

c. () Tenho dificuldades

d. () Consigo entender algumas coisas

e. () Só entendo as falas de pessoas que moram na mesma rua que eu.



6. Os professores fazem correções quanto a sua forma de falar?

- a. Sim
- b. Frequentemente
- c. Somente na sala de aula
- d. Quase nunca
- e. Não

7. Como você se sente quando alguém faz uma correção de algo que falou?

- a. Péssimo
- b. Muito bem, gosto quando alguém me corrige
- c. Envergonhado/ Constrangido
- d. Feliz, gosto de aprender coisas novas
- e. Não ligo para essas coisas

08. Como você se sente ao falar em público?

9. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico?

- a) Sim
- b) Não

10. Você já se sentiu vítima do preconceito linguístico? Descreva a situação:

11. Quando você fala em público?

- a. Sempre
- b. Quando tudo, pois sei falar muito bem
- c. Tenho dificuldades
- d. Não consigo entender algumas coisas
- e. Não entendo as falas de pessoas que moram na mesma rua que eu

12. De que modo você entende o que seus colegas falam?

- a. Sempre
- b. Quando tudo, pois sei falar muito bem
- c. Tenho dificuldades
- d. Não consigo entender algumas coisas
- e. Não entendo as falas de pessoas que moram na mesma rua que eu

2º Questionário

UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

2ª Questionário (levantamento de dados para a pesquisa)

1. Qual das sentenças você mais usa?

- a) () Tu
b) () Você

2. Qual das sentenças você mais utiliza?

- a) () Nós
b) () A gente

3. Quais as gírias que você costuma usar em seu dia a dia?

4. Nos textos escritos, você costuma utilizar gírias?

5. Você acha que as pessoas do Maranhão falam de maneira diferente em relação às pessoas de outras regiões? Explique:

- a) () sim
b) () não

6. Inseto pequeno, com perninhas longas que canta no ouvido durante a noite.

- a) () Carapanã
b) () Jatium
c) () Muriçoca
d) () Pernilongo
e) () Praga

7. Você sabe o que significa Éguas!?

1. Qual das alternativas abaixo é correta?

- a) () Sim
b) () Não

2. Quando você viu esse vídeo?

- a) () Sim
b) () Não

3. Você se lembra que você costumava usar um cor-de-rosa?

4. Que fator explica, você costuma usar giris?

5. Você sabe que as pessoas de Marimão fazem de maneira diferente em relação ao nome de outras regiões? Explique.

- a) () Sim
b) () Não

6. Inseto pequeno, com pedicelo longo que cresce durante a noite.

- a) () Carapanã
b) () Jaitin
c) () Muriqui
d) () Panfongo
e) () Praga

3º Questionário



UNIVERSIDADE
ESTADUAL DO
MARANHÃO

3ª Questionário (levantamento de dados para a pesquisa)

1. Escreva algo que você já falou e alguém te corrigiu:

2. Escreva algo que você já corrigiu na fala de outra pessoa:

3. Você possui dificuldades em entender expressões ou palavras ambíguas?

- a) () Sim
b) () Não

4. Como você descreveria a situação expressa nesta charge?



5. Você percebe diferenças entre a fala e a escrita? Quais?

6. Você gosta de estudar gramática?

a) () Sim

b) () Não

7. Descreva o que você acha de estudar gramática na escola.

8. Você gostaria de estudar através novas formas metodológicas a formação da língua portuguesa?

a) () Sim

b) () Não

9. Descreva abaixo como você vê o ensino de língua portuguesa em sala de aula/ na escola.

10. Você gostaria de estudar de forma sistematizada a gramática normativa e a variação linguística em sala de aula?

a) () Sim

b) () Não

